



Ser Intérprete em Portugal: Formação e Profissão

Alice Fernanda Ferreira da Cruz

Trabalho de Projeto

Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

Porto – 2015

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**



Ser Intérprete em Portugal: Formação e Profissão

Alice Fernanda Ferreira da Cruz

**Trabalho de Projeto
apresentado ao Instituto de Contabilidade e Administração do Porto para
a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação
Especializadas, sob orientação da Doutora Sara Cerqueira Pascoal**

Porto – 2015

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**

Resumo:

Para a conclusão do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas optou-se por um trabalho diretamente relacionado com o curso em causa, intitulado “Ser Intérprete em Portugal: Formação e Profissão”, de índole prática e que, eventualmente, pudesse servir não só como um ponto de partida para caracterizar uma profissão ainda pouco conhecida e divulgada em Portugal mas também, caso essa venha a ser a vontade da autora, permitisse dar continuidade e aprofundar no futuro.

Para a concretização deste projecto procedeu-se à elaboração e distribuição de um questionário para os profissionais e respetivas associações profissionais, procedendo-se depois à recolha, tratamento e análise dos resultados obtidos, relacionando-os com as várias vertentes teóricas associadas à Interpretação.

Revelou-se uma tarefa Hercúlea, bastante morosa e em algumas fases até penosa – devido à grande resistência de colaboração demonstrada pelos profissionais, mas que chega agora a bom porto, deixando a satisfação de dever cumprido!

Palavras chave: Intérprete, Questionário, Formação, Profissão

Abstract:

In order to complete my studies and become Master in Specialized Translation and Interpreting it was necessary to present an original essay. Instead of doing a theoretical work it was decided to choose a practical one, with a theme related to one of its several possible careers: "Being Interpreter in Portugal: Studies and Career". The purpose was to develop a work that allowed not only to draw a picture and advertise a career somehow still not very known in Portugal but also, if that's the author's will, to use this data in the future to follow up on this subject and, who knows, for a deeper and comparative analysis.

To carry out this project it was created and sent by e-mail a survey to all the Portuguese professionals in the web and their professional associations. Proceeding after to the data collection, processing and analysis of the results, relating them with the various theoretical aspects of interpreting.

It turned out to be a Herculean task, quite lengthy and at some stages even painful – due to the strong reluctance to cooperate shown by the professional interpreters, but now comes to a successful conclusion and leave us the satisfaction of duty accomplished!

Key words: Interpreter, Survey, Studies, Career

Dedicatória

A todos aqueles que comigo acreditaram que não há impossíveis!

Agradecimentos

A concretização deste trabalho só foi possível com a colaboração de muitas pessoas, umas conhecidas, outras nem tanto, bons amigos, bons colegas e maravilhosos familiares.

A minha primeira palavra de apreço é dirigida à minha ilustre professora – e depois de tantos anos amiga querida – e incansável orientadora, Doutora Sara Cerqueira Pascoal, que comigo partilhou os tantos obstáculos pessoais e profissionais que ultrapassámos até aqui chegar.

Uma palavra também à minha inestimável família, cujo apoio incondicional é o catalisador do meu progresso.

Um agradecimento especial ao Dr. Manuel José Baptista de Sant’lago Ribeiro, à Doutora Maria Santa Carneiro Vieira Montez e ao meu colega Tiago Nuno Martins Ferreira Anacleto-Matias pelos seus preciosos contributos que muito enriqueceram este trabalho.

Um obrigada também a todos quanto participaram no inquérito e sem os quais este trabalho não seria possível.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento a todos os que, direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste projeto.



A interpretação não é neutra. Por trás dela há - nem sempre perceptível - uma tendência filosófica ou política, enfim, uma concepção de vida, ainda que o intérprete se suponha imparcial.
(B. Calheiros Bomfim)

RecadoX.com.br

Índice geral

Introdução	8
Capítulo I – A História da Profissão	11
1.1 Génese de uma Profissão.....	12
1.2 Em Portugal: Os Primeiros Passos (De 1956 a 1980)	15
1.3 A Entrada na UE e o Desenvolvimento da Profissão	18
1.4 A Atualidade	21
Capítulo II – A Interpretação.....	23
2.1 Modos de Interpretação.....	24
2.2 Línguas Ativas.....	26
2.3 Formação.....	27
2.4 Associações Profissionais.....	28
2.5 A Interpretação na UE	31
2.5.1 Departamentos	31
2.5.2 Metodologias	32
2.5.3 Recrutamento	33
2.5.4 Tecnologias Utilizadas.....	35
Capítulo III – O Perfil do Intérprete em Portugal: Análise Detalhada dos Questionários ..	37
3.1 Descrição Detalhada da Aplicação do Questionário.....	38
3.2 Análise das Respostas	39
Informação Básica: Sexo, Idade, Estado Civil	43
Da Formação à Profissão.....	47
A Perspetiva dos Profissionais.....	51
Fatores Chave da Profissão.....	52
Curiosidades.....	65
Capítulo IV – Um Testemunho na Primeira Pessoa	68
Capítulo V – Conclusão	72
Referências Bibliográficas	75

Introdução

A presente dissertação, integrada no Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, tem por objetivo contribuir para um conhecimento mais profundo e alargado da profissão de intérprete em Portugal.

Pouco conhecida e divulgada no nosso país, muito em parte devido às limitações do mercado, a profissão de intérprete, nomeadamente de conferência, encontrou junto das instituições europeias o local de excelência para a sua expansão. De facto, de Bruxelas a Estrasburgo, passando pelo Luxemburgo, todas as instâncias europeias dispõem de intérpretes, empregando milhares de pessoas, divididas pelas 24 línguas oficiais da União Europeia.

Esta dissertação pretende, em primeiro lugar, analisar retrospectivamente a profissão de intérprete, fazendo uma revisão da sua génese, a qual remonta ao processo de Nuremberga, passando pelas primeiras experiências dentro das Nações Unidas para, finalmente, proceder à sua contextualização no cenário europeu e português, indicando departamentos, metodologias de trabalho, sistemas de recrutamento, tipos de tecnologia utilizados, entre outros.

Em segundo lugar, proceder-se-á a uma caracterização que se pretende a mais exaustiva possível, do perfil de intérprete da UE (União Europeia). Por último, tentar-se-á aferir as dificuldades e constrangimentos da profissão, em contraponto com as vantagens e gratificações, contribuindo para o conhecimento mais aprofundado de uma profissão algo desconhecida.

Para concretizar esta dissertação recorreu-se a uma revisão bibliográfica daquilo a que se convencionou chamar “*interpreting studies*”, bem como da bibliografia que contextualiza a evolução histórica da profissão.

Procedeu-se, igualmente, à elaboração e aplicação de um questionário, o qual foi remetido, por correio eletrónico, para todos os intérpretes portugueses registados na web e/ou inscritos nas associações profissionais mais representativas: a AIIC - Associação Internacional dos Intérpretes de Conferência, o SNATTI - Sindicato Nacional da Atividade Turística, Tradutores e Intérpretes, a APIC - Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência, a AP Portugal e a AGIC - Associação Portuguesa dos Guias-Intérpretes e Correios de Turismo, num total de aproximadamente 400 destinatários, através do *software limesurvey.org*.

Havendo, no entanto, o receio de o inquérito não ser objeto de uma boa receptividade por parte dos profissionais em causa, uma vez que muitas pessoas optam por não responder a inquéritos *on-line*, e de modo a prevenir que a escassez de respostas inviabilizasse este projeto, optou-se por fazer uma ligeira adaptação do inquérito inicial – embora sendo evidente que o público-alvo continuava a ser os intérpretes – de modo a ser igualmente enviado para os profissionais de tradução, deixando assim em aberto a possibilidade de alterar o rumo do projeto inicialmente previsto, assegurando deste modo material de trabalho, ainda que esta segunda opção exigisse posteriormente ser complementada e melhorada.

Surpreendentemente, e tendo em conta que o número de tradutores profissionais, em Portugal, é muito superior ao de intérpretes de conferência, a quantidade de respostas obtidas foi proporcionalmente mais elevada no caso dos intérpretes de conferência, viabilizando assim o projeto inicial.

Do tratamento dos dados obtidos a partir deste inquérito, resultou a presente aferição do perfil de intérprete, a sua formação e profissão.

Lamentavelmente, e por razões várias de cariz pessoal e profissional não foi possível concluir este projeto mais cedo. Contudo, ressalvo o aspeto positivo de me inspirar a desenvolver ainda mais este trabalho num futuro, que espero, próximo. Neste contexto, e para uma próxima oportunidade, está já a ser preparado um novo inquérito que permita estabelecer uma comparação das mudanças ocorridas ou não na profissão de intérprete e determinar, se possível, se houve repercussões devido à grave crise económica que se instalou a nível global, com vista a aferir o futuro da profissão.

Capítulo I – A História da Profissão

1.1 Gênese de uma Profissão

Desde os primórdios da humanidade, e a partir do momento em que dois povos que se expressam em diferentes línguas se encontram e têm necessidade de comunicar, que se reflete a necessidade de tradução. Na era da globalização em que nos encontramos, esta necessidade é ainda maior.

Quase que se pode atribuir à profissão de intérprete o epíteto de “a mais velha profissão do mundo”, visto que a primeira referência conhecida de interpretação remonta a um hieróglifo egípcio, do terceiro milénio A.C. Existem igualmente referências a intérpretes no antigo Egipto e na Síria, assim como na antiga Grécia e no Império Romano, onde Cícero proferiu o que seria a regra de ouro da profissão “só o néscio traduz literalmente”¹. Na Bíblia, o Apóstolo Paulo faz a seguinte admoestação na sua Epístola aos Coríntios: “E se alguém falar em língua desconhecida, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, e haja intérprete” (I Coríntios 14:28).²

De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa, interpretar (do latim *interpretare*) significa “fazer a interpretação de; explicar; adivinhar o significado de; esclarecer; traduzir; tomar em determinado sentido; desempenhar; representar; reproduzir o pensamento de”.³

Mas interpretar é tudo isto e muito mais. No seu texto introdutório, a Recomendação da UNESCO sobre a proteção jurídica dos tradutores defende que a tradução favorece a compreensão entre os povos e a cooperação entre as nações, ao facilitar a divulgação das obras literárias técnicas e científicas, para além das barreiras linguísticas, assim como a troca de ideias.⁴

De início os intérpretes eram mal vistos e objeto de desconfiança, dado que, na sua maioria, eram escravos, prisioneiros de guerra ou que viviam na fronteira, sendo, por isso, de lealdade duvidosa. Por vezes, devido ao domínio que detinham nas línguas, eram encarados como tendo algo de sobrenatural, de bruxo. Já na idade média os intérpretes são mais bem aceites e as referências à tradução são feitas nomeadamente no âmbito das expedições longínquas típicas da época, das Cruzadas e de encontros diplomáticos. É igualmente sabido que, durante a época de ouro dos descobrimentos, e devido ao encontro de povos com características linguísticas e culturais tão diversas, a interpretação evoluiu, pois havia povos colonizadores que ensinavam a sua língua e costumes a um número reduzido de colonizados e, posteriormente, usavam-nos em próximas expedições.

¹ A história da Interpretação, retirada do site da APIC – www.apic.org.pt, acedido em Abril de 2008

² PAGURA, Reynaldo. Conference interpreting interfaces with written translation and implications for interpreter and translator training. *DELTA* [online]. 2003, vol. 19, no. spe [cited 2008-05-01], pp. 209-236. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102-44502003000300013, acedido em Abril.2008

³ Dicionário da Língua Portuguesa 2004. Dicionários Editora. Porto Editora. Pág. 1641

⁴ Recommendation sur la protection juridique des traducteurs et des traductions et sur les moyens pratiques d'améliorer la condition des traducteurs, aprovada na 19ª sessão da Conferência Geral da Unesco, reunida em Nairobi, de 22 a 30 de Novembro de 1976

Mas o conceito de intérprete que mais se aproxima da atualidade começou a ser desenvolvido durante a Primeira Guerra Mundial, aquando da entrada dos Estados Unidos no conflito. Até à data, o francês era a língua oficial dos diplomatas, mas com a entrada dos americanos e também dos ingleses – e atendendo a que ambos não dominavam a língua francesa ao ponto de a elegerem a língua oficial das negociações - foi necessário efetuar a interpretação em francês e em inglês. Paul Mantoux, francês (de nascença e criação) e professor em Londres, foi considerado o primeiro dos intérpretes modernos ao ser o principal intérprete nas negociações do Tratado de Versalhes, em 1918.⁵

Foi no final da Segunda Guerra Mundial, com o advento do Julgamento em Nuremberga dos criminosos de guerra alemães, quase 30 anos depois, que a interpretação atingiu o seu auge e o seu modelo atual.

Com o final da II Grande Guerra e estando já agendado para Nuremberga o julgamento dos criminosos de guerra alemães, surge o dilema de realizar o julgamento em quatro línguas: inglês, francês, russo e alemão. Sendo que, na altura, a interpretação consecutiva se revelou impensável, não só pela exigência de alargamento temporal que implicava, mas também pelos transtornos que causaria na fluidez do próprio julgamento, foi atribuída ao Coronel Leon Dostert, na altura intérprete do General Eisenhower, a incumbência de encontrar a solução para o problema. A IBM disponibilizou o equipamento de interpretação simultânea gratuitamente, pois além de já o ter fabricado anos antes sem nunca o ter utilizado, vislumbrou nesta situação uma oportunidade única de publicidade. Dostert recrutou jovens intérpretes consecutivos sem experiência e outras pessoas com excelente competência linguística, embora sem experiência em interpretação. Após alguns meses a experimentar o equipamento e a treinar intensivamente, começa a ser visível o que viria a ser considerado o embrião da interpretação simultânea tal como é conhecida atualmente.⁶



Julgamento de Nuremberga

(fonte: Manuel Sant'ago Ribeiro – SNATTI)

⁵ A história da Interpretação, retirada do site da APIC – www.apic.org.pt, acedido em Abril.2008

⁶ Idem

Alguns dos intérpretes utilizados no julgamento de Nuremberga são posteriormente transferidos para a Organização das Nações Unidas (ONU), a qual é criada ainda antes deste terminar, na Conferência de São Francisco, nos Estados Unidos. Curioso é o facto de que a conferência não previa a atuação de intérpretes. Foi o ministro das Relações Exteriores de França, George Bidault, quem surpreendeu tudo e todos ao dar a ordem de interpretação, para francês, do discurso de abertura do Secretário de Estado americano e anfitrião do evento, a um grupo de intérpretes que tinha integrado na delegação francesa, fazendo assim notar que o inglês não seria a única língua oficial daquela organização, a qual não funcionaria, assim, sem intérpretes. Ao longo dos anos, foram ainda introduzidas outras línguas.

A Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), criada nos anos 50, foi o primeiro passo para o Mercado Comum Europeu, o qual deu origem à União Europeia. Atualmente esta instituição é o maior empregador mundial de tradutores e intérpretes e tem tendência a aumentar, em boa parte devido à adesão de novos membros, a qual implica a introdução de novas línguas oficiais.

No pós-guerra, a Alemanha, na condição de grande derrotada, viu-se a braços com um grande vazio que urgia preencher. Nesse sentido, o governo alemão começou por importar conhecimentos, ou seja, através da tradução de textos e obras estrangeiros, e a exportar as suas ideias e o seu saber a nível cultural, realizando uma recuperação notável. Anos depois emergia uma Alemanha poderosa, tanto a nível económico e tecnológico como a nível político, impondo-se mesmo à própria Europa.

Esta consciência da importância da tradução foi-se espalhando um pouco por todo o mundo, atingindo o seu auge em 1957, com a grande revolução causada na formação profissional dos intérpretes pela criação da *École Supérieure d'Interprètes e de Traducteurs* (ESIT), integrada na *Université de la Sorbonne Nouvelle*, Paris, em 1984. Mesmo a Espanha, dominada pela ditadura de Franco, não conseguiu evitar esta “formação” de tradutores, muito em parte devido à Escola de Toledo. No circuito europeu apenas ficaram de fora a Grécia, sob uma ditadura militar, e Portugal, sob a ditadura salazarista, porque os regimes em vigor usaram a tradução como uma censura política isolando os respetivos países do mundo exterior. Atualmente são ainda visíveis os custos económicos deste isolamento, na medida em que, estatisticamente, Portugal e a Grécia são dos países mais atrasados da Europa, embora tenham sido dos primeiros a aderir à União Europeia.⁷

Consistindo a interpretação na transposição para a língua de chegada de um discurso oral na língua de partida, facilmente se constata que esta profissão acarreta um elevado grau de imprevisibilidade, não só porque muitas vezes o orador improvisa ou altera o seu discurso como também a rapidez e perceção com que o discurso é efetuado variam de orador para orador. Assim, o intérprete vê-se forçado a preterir a integralidade da comunicação em função

⁷ Idem, pags. 23 e 24

do seu significado. O importante é interpretar corretamente a mensagem e não a totalidade do discurso.

1.2 Em Portugal: Os Primeiros Passos (De 1956 a 1980)

No início dos anos cinquenta, não eram conhecidos intérpretes de conferência profissionais em Portugal, até porque a língua portuguesa não era muito utilizada em encontros internacionais. Algumas organizações interamericanas utilizavam o brasileiro como língua oficial, mas o português não era admitido pelos delegados brasileiros pois estes não o compreendiam verdadeiramente.

O Sindicato do Guias e Intérpretes de Portugal, fundado nos anos trinta, foi a primeira associação profissional de intérpretes (provavelmente de intérpretes turísticos) existente em Portugal. De acordo com Wadi Keiser⁸, os primeiros intérpretes portugueses profissionais de que teve conhecimento foram Randolfo Santos e Silva e Maria Idalina Furtado. Num dos primeiros congressos em que participou como intérprete, em Lisboa, conheceu igualmente as Senhoras Teixeira Pinto e Almasquê, mas não voltou a encontrá-las⁹.

Em Portugal, os primeiros congressos com interpretação do pós-guerra, maioritariamente congressos médicos, tinham quase todos lugar em Lisboa ou no Estoril - o Algarve era praticamente inacessível e o Porto não demonstrava abertura à interpretação.

O primeiro congresso que Wadi Keiser se lembra de ter participado como intérprete em Portugal decorreu em Lisboa, em 1956. Era um congresso médico, de dois dias, com interpretação simultânea inglês-francês. Randolfo ainda não era intérprete, pois o inglês não era uma das suas línguas de trabalho, mas tratava dos contratos dos intérpretes. As instalações de interpretação simultânea, sem dúvida das primeiras em Portugal, eram fruto de um biscate de eletricitas locais, minúsculas, com um som estridente e com capacetes dos condutores de carros blindados. A documentação deixava muito a desejar. Mas nos dois congressos seguintes, em 1958, as línguas utilizadas eram quatro: o inglês, o francês, o alemão e o português. Randolfo encontra-se na cabina portuguesa e tinha, certamente, aprendido a lição do primeiro congresso. As instalações de interpretação simultânea tinham melhorado substancialmente: havia um engenheiro de som, Roberto, e um técnico, Fernando Conde, devidamente especializados e recetivos a todos os comentários e sugestões. Também a receção e distribuição da documentação eram asseguradas por duas hospedeiras¹⁰.

Randolfo Santos e Silva foi, sem dúvida, o primeiro intérprete de conferência profissional em Portugal. Mas como se tornou intérprete? Em 1951, O parisiense Joseph Umansky foi encarregado de recrutar uma equipa de intérpretes para o "Congresso Rodoviário", que se iria realizar em Lisboa, em Setembro desse ano. Como o português, juntamente com o francês e o

⁸ Um dos pioneiros da interpretação de conferência

⁹ L'interprétation de conférence au Portugal – souvenirs de Wadi Keiser – 1956 à 1980

¹⁰ Idem

inglês, fazia parte das línguas a interpretar, era necessário um intérprete de conferência português, o qual não existia. Joseph Umansky era intérprete permanente na O.C.D.E. e pediu à delegação portuguesa que lhe recomendasse pessoas, as quais pudesse formar, para preencherem as vagas de intérprete de francês-português e vice-versa. Randolpho Santos e Silva era o mais dotado do grupo que lhe foi recomendado. A formação decorreu em França, na casa de Joseph Umansky. Este e a sua esposa liam ou improvisavam textos que Randolpho deveria interpretar a partir da sala de jantar, utilizando um aparelho improvisado para simular a interpretação simultânea. Rapidamente Randolpho apreendeu as técnicas da interpretação simultânea e teve um desempenho brilhante no seu papel de intérprete de conferência no Congresso Rodoviário. Sempre que organizava congressos em Portugal Joseph chamava Randolpho para intérprete.

Randolfo Santos e Silva tinha uma personalidade forte, brilhante, dinâmica e cativante, excelente intérprete, recrutava e dirigia de improviso equipas em nome e por iniciativa dos organizadores de congressos. Nas negociações com os empregadores era extremamente convincente e sabia fazer prevalecer a necessidade de uma interpretação de qualidade e a importância de instalações de interpretação simultânea *“state of the art”*. O próprio Joseph Umansky ajudou-o, na qualidade de vice-presidente da AIIC, acompanhando-o a um encontro com o Presidente do Sindicato Nacional da Federação Nacional da Atividade Turística, Tradutores e Intérpretes (SNATTI). Tratava-se de impedir a extensão aos intérpretes de conferência de um sistema de funcionamento já aplicado aos guias turísticos, uma espécie de registo dos intérpretes aceites sob a égide do Sindicato. Este projeto, tendo como pretexto o reconhecimento e a proteção da profissão de intérprete, pretendia de facto dar ao Sindicato uma espécie de monopólio de único fornecedor deste tipo de serviço em Portugal. Randolpho percebeu imediatamente o perigo de enclausuramento nacional que representava este projeto, o fim da profissão como a exerciam. Conjugando esforços, Joseph e Randolpho conseguiram impedir este projeto com sucesso.



Ruza Burnay e Randolpho Santos Silva na Assembleia da AIIC em Viena

(fonte: http://www.giic.net/interpretes2_en.htm)

Contemporânea de Randolpho, e a primeira mulher intérprete de conferência profissional em Portugal, Maria Idalina Furtado foi considerada a grande senhora da interpretação: profissional formidável, sorridente, rivalizava com Randolpho em hospitalidade.

Nos anos 60 foi fundado em Portugal, pelo professor universitário Gonçalves Rodrigues, o Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), o qual teve como primeiro professor, e também diretor dos departamentos de Tradução e Interpretação, o ativo John Hampton. O segundo grupo de intérpretes, que surgiu em Portugal em meados dos anos 60, era constituído por três mulheres, que rapidamente se impuseram como excelentes profissionais: Maria-Augusta Reis Leal, Joana Campos e Sofia Remédios. A terceira “geração” de intérpretes profissionais portugueses surgiu no início dos anos 70.

Entre os anos 50-70 realizavam-se em Portugal poucas reuniões internacionais com necessidade de interpretação, e havia poucos intérpretes nacionais. Para congressos com várias línguas de trabalho era necessário importar intérpretes aplicando o complemento linguístico. Nenhum intérprete de conferência em Portugal poderia viver exclusivamente da profissão, tendo em conta que a atividade de congressos estava concentrada no período de Abril a Outubro. Nestas circunstâncias é de crer que havia uma grande desorganização em matéria de condições de trabalho e uma concorrência em guerra aberta. Se existia um “mercado cinzento” ninguém se apercebeu. Neste aspeto o mérito volta a ser de Randolpho que fazia ver aos empregadores que era necessário importar intérpretes estrangeiros – todos membros da AICC, para assegurar as combinações linguísticas requisitadas e assegurar uma qualidade semelhante à dos congressos estrangeiros, fazendo cumprir as normas da AICC, como sejam: a regra sagrada do contrato direto entre o intérprete e o organizador da conferência – para evitar os agentes comerciais que cobravam grandes comissões e mantinham os intérpretes à sua mercê; a taxa mundial uniforme de honorários em dólares americanos; a remuneração igual de todos os membros da equipa; o pagamento direto no local, e de preferência em dinheiro. A profissão era bem remunerada mas trabalhava-se arduamente. O Código Profissional da AICC contemplava uma “tarifa de grandes equipas” e uma “tarifa de pequenas equipas” – i.e. quatro intérpretes em vez de cinco para uma conferência de três línguas em três cabinas, tendo como objetivo que, em conferências que decorriam num local onde havia muitos intérpretes locais, o trabalho seria desenvolvido numa grande equipa e com uma tarifa base, nas situações em que a conferência decorria em locais distantes ou em que era necessário importar intérpretes estrangeiros, o trabalho seria desenvolvido em equipas pequenas, mas com uma tarifa superior. Esta fórmula permitia à organização dos congressos mais distantes economizar substancialmente nos custos da viagem e nas diárias, compensando de longe a diferença tarifária.

Em Portugal funcionava frequentemente o sistema de pequena equipa, em que eram necessários pelo menos dois intérpretes por equipa que podiam trabalhar em simultâneo em *relais* em duas cabinas.

Randolfo discordava de John Hampton quanto à formação dada aos intérpretes em Portugal. Ele considerava que, tendo em conta a situação do mercado português, não valia a pena produzir um grande número de intérpretes locais: “desempregados em força”. Acreditava que era preferível encorajar os candidatos dotados a inscreverem-se em centros de formação reputados na Suíça, em França, em Inglaterra ou na Alemanha. Lá, eles teriam a oportunidade não só de aprender interpretação, como de completar o domínio das suas línguas estrangeiras em contactos com a população local e os numerosos estudantes estrangeiros, bem como ainda adquirir novas línguas. Concluída a formação, faltava ainda acolher estes diplomados nas equipas portuguesas. John Hampton não tinha nada a obstar à liberdade académica dos estudantes, mas defendia que se os estudantes formados pelo ISLA não encontrassem trabalho como intérpretes de conferência, podiam encontrá-lo como tradutores ou professores, etc.

O que nenhum destes profissionais previa, na altura, era que a adesão de Portugal à Comunidade Europeia, em 1986, iria mudar radicalmente tudo isto e que a partir daí, para um intérprete ter o português na sua combinação linguística seria, durante muito tempo, um trunfo significativo.

1.3 A Entrada na UE e o Desenvolvimento da Profissão

Foi em 1977 que Portugal pediu formalmente a sua adesão às Comunidades Europeias. A 12 de Junho de 1985 é assinado, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, o Tratado de Adesão. E a 1 de Janeiro de 1986, juntamente com Espanha, Portugal aderiu às Comunidades Europeias, aumentando para 12 o número de Estados-Membros.

Melhor será rever os momentos mais importantes da génese desta instituição:

1945 - 1959

A União Europeia foi criada com o objetivo de pôr termo às frequentes guerras sangrentas entre países vizinhos, que culminaram na Segunda Guerra Mundial. A partir de 1950, a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço começa a unir económica e politicamente os países europeus, tendo em vista assegurar uma paz duradoura. Os seis países fundadores são a Alemanha, a Bélgica, a França, a Itália, o Luxemburgo e os Países Baixos. Os anos 50 são dominados pela guerra fria entre o bloco de Leste e o Ocidente. Ainda em 1957, o Tratado de Roma institui a Comunidade Económica Europeia (CEE) ou “Mercado Comum”.

1960 - 1969

A década de 60 ficou marcada pela emergência de uma “cultura jovem”, com grupos como *The Beatles*, que contribuíram para lançar uma verdadeira revolução cultural e acentuar o fosso entre as gerações. Tratou-se de um bom período para a economia, favorecida por duas

medidas cruciais: o fim da cobrança dos direitos aduaneiros sobre as trocas comerciais entre os países da União Europeia e a implantação de um controlo conjunto da produção alimentar, de forma a assegurar alimentos suficientes para todos.

1970 - 1979

A Dinamarca, a Irlanda e o Reino Unido aderem à União Europeia em 1 de Janeiro de 1973, constituindo o primeiro alargamento e elevando assim o número dos Estados-Membros para nove. Na sequência do breve, mas violento, conflito israelo-árabe em Outubro de 1973, a Europa debate-se com uma crise energética e problemas económicos. A queda do regime de Salazar em Portugal, em 1974, e a morte do General Franco em Espanha, em 1975, põem fim às últimas ditaduras de direita na Europa. No âmbito da política regional da União Europeia, começam a ser atribuídas elevadas verbas para fomentar a criação de empregos e de infraestruturas nas regiões mais pobres. O Parlamento Europeu aumenta a sua influência na UE e, em 1979, os cidadãos passam, pela primeira vez, a poder eleger diretamente os seus deputados.

1980 - 1989

Em 1981, a Grécia torna-se o décimo Estado-Membro da UE, seguindo-se-lhe a Espanha e Portugal cinco anos mais tarde. Em 1986, é assinado o Ato Único Europeu, um Tratado que prevê um vasto programa para seis anos destinado a eliminar os entraves que se opõem ao livre fluxo de comércio na UE, criando assim o “Mercado Único”. Com a queda do Muro de Berlim em 9 de Novembro de 1989, dá-se uma grande convulsão política: a fronteira entre a Alemanha de Leste e a Alemanha Ocidental é aberta pela primeira vez em 28 anos e as duas Alemanhas em breve se reunificarão, formando um único país.

1990 - 1999

Desmorona-se o comunismo na Europa Central e Oriental, e estreita-se as relações entre os europeus. Em 1993, é concluído o Mercado Único com as “quatro liberdades”: livre circulação de mercadorias, de serviços, de pessoas e de capitais. A década de 90 é também marcada por mais dois Tratados, o Tratado da União Europeia ou Tratado de Maastricht, de 1993, e o Tratado de Amesterdão, de 1999. Em 1995, a União Europeia passa a incluir três novos Estados-Membros, a Áustria, a Finlândia e a Suécia. Uma pequena localidade luxemburguesa dá o seu nome aos acordos de “Schengen”, que gradualmente permitirão às pessoas viajar sem que os seus passaportes sejam objeto de controlo nas fronteiras. Milhões de jovens estudam noutros países com o apoio da UE. A comunicação é facilitada à medida que cada vez mais pessoas começam a utilizar o telemóvel e a Internet.

2000 – 2009

O euro torna-se a nova moeda de muitos europeus. As divisões políticas entre a Europa de Leste e a Europa Ocidental são finalmente ultrapassadas e dez novos países aderem à UE em

2004, seguindo-se dois outros em 2007. Em setembro de 2008 uma crise financeira assola a economia mundial, resultando numa cooperação económica mais estreita entre os países da UE. O Tratado de Lisboa é ratificado por todos os países da UE antes de entrar em vigor a 1 de dezembro de 2009, proporcionando à UE instituições modernas e métodos de trabalho mais eficientes.

A partir de 2010

Uma década de oportunidade e desafios que tem início com uma grave crise económica, mas também com a esperança de que os investimentos nas novas tecnologias verdes e amigas do ambiente e a cooperação europeia mais estreita tragam crescimento e bem-estar duradouros. Os países candidatos à adesão à UE são: Antiga República Jugoslava da Macedónia, Islândia, Montenegro, Sérvia e Turquia. A Albânia, a Bósnia e Herzegovina e o Kosovo são potenciais candidatos.¹¹

A União Europeia possui 24 línguas oficiais: Búlgaro, Checo, Dinamarquês, Alemão, Estónio, Grego, Inglês, Croata, Irlandês, Espanhol, Francês, Italiano, Letão, Lituano, Húngaro, Maltês, Neerlandês, Polaco, Português, Eslovaco, Esloveno, Finlandês, Romeno e Sueco.

O português é a 4ª língua (3ª europeia) mais falada no mundo. A língua portuguesa é língua oficial na União Europeia, no Mercosul, na União Africana e na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), entre outras organizações internacionais.

Com cerca de 250 milhões de falantes, é língua oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. É também uma das línguas oficiais de Macau. Existem importantes comunidades falantes do português na América do Norte. A UE estabelece relações e acordos com regiões e organizações onde países com este idioma marcam presença. Em particular, relaciona-se com a CPLP e os PALOP e Timor-Leste e com cada um dos países de língua portuguesa.¹²



Gérard Ilg - aula de interpretação consecutiva para alunos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), Instituto Nacional de Administração, Oeiras, 1993

(Fonte: http://www.giic.net/interpretes2_en.htm)

¹¹ http://europa.eu/about-eu/eu-history/index_pt.htm

¹² www.eurocid.pt

Embora o Julgamento de Nuremberga tenha sido o catalisador da profissão de intérprete, a adesão de Portugal à União Europeia, em 1986, veio impulsionar a procura de intérpretes de conferência, no país e no estrangeiro. De acordo com a AIIC – Associação Internacional de Intérpretes de Conferência,¹³ muitos dos que se formaram em Portugal trabalham como intérpretes independentes ou funcionários na UE (em Bruxelas, Estrasburgo e Luxemburgo), enquanto outros que chegaram à interpretação através das instituições comunitárias trouxeram as suas competências para Portugal.

Contudo, há também outras entidades internacionais que dispõem de serviços de interpretação como a ONU - Organização das Nações Unidas, o FMI - Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, etc... Aliás, em 1947, as Nações Unidas adotaram a Resolução 152, que incluía a interpretação simultânea entre os seus serviços permanentes.

1.4 A Atualidade

«[...] todas as línguas, como meio primordial de acesso a uma cultura, são a expressão de uma forma distinta de percepção e descrição da realidade e devem poder usufruir das condições necessárias ao seu desenvolvimento [...]»¹⁴

A AIIC¹⁵ defende que:

“a Língua é a expressão viva da cultura humana e as várias línguas do nosso planeta dão voz à variedade das experiências humanas. Tal como a diversidade genética é hoje considerada um bem comum que deve ser preservado, também a diversidade linguística merece ser salvaguardada como património da humanidade.”

Daí que considere que *“reduzir o número de línguas no diálogo entre os povos é empobrecer o legado comum do nosso saber e privar a humanidade dos frutos nascidos do fértil intercâmbio das correntes de pensamento, do pulsar dos sentidos e das formas de encarar a vida”*.

Por isso, *“qualquer exercício contabilístico e orçamental relacionado com as línguas tem que levar em linha de conta os benefícios muito concretos, mas quantas vezes intangíveis, inerentes à diversidade cultural, à comunicação entre culturas e às fontes da linguagem humana.*

A utilização de múltiplas línguas no plano do diálogo internacional não constitui um impedimento à comunicação, pelo contrário, é uma parte essencial desta. É precisamente no

¹³ <http://www.aiicportugal.pt/portal/index.php/pt/>, acedida em Outubro.2015

¹⁴ Parlamento Europeu, 2006 - www.euroid.pt

¹⁵ <http://www.aiicportugal.pt/portal/index.php/pt/>, acedido em Outubro.2015

intuito de promover a compreensão que o património linguístico da humanidade deve ser estimulado e salvaguardado.”

Esta mesma ideia é defendida pela UE, pelo que o multilinguismo é um elemento central da sua diversidade cultural, razão pela qual atualmente possui 24 línguas oficiais, como anteriormente mencionado: Alemão, Búlgaro, Checo, Croata, Dinamarquês, Eslovaco, Esloveno, Espanhol, Estónio, Finlandês, Francês, Grego, Húngaro, Inglês, Irlandês, Italiano, Letão, Lituano, Maltês, Neerlandês, Polaco Português, Romeno e Sueco.

Os cidadãos europeus têm acesso a todos os documentos fundamentais da UE na língua oficial do seu país. Além disso, têm também o direito de se dirigir por escrito à Comissão na sua língua materna e de receber uma resposta nessa língua. Do mesmo modo que os deputados do Parlamento Europeu podem utilizar qualquer língua oficial da UE quando se estão a dirigir ao Parlamento.

Daí que, para assegurar estas premissas a Comissão Europeia disponha atualmente de pessoal permanente constituído por cerca de 1750 linguistas e 600 membros de pessoal de apoio – o que faz com que o serviço de tradução da Comissão Europeia seja um dos maiores do mundo. Por sua vez, o serviço de interpretação da Comissão emprega 600 intérpretes permanentes e recorre a 3000 intérpretes independentes (*freelance*), dispondo ainda de um pessoal de apoio de 250 pessoas.¹⁶

Estes números permitem-nos avaliar o grande esforço humano, físico e financeiro necessário para manter a tradução e a interpretação na UE, nas 24 línguas oficiais, com as suas inúmeras combinações linguísticas possíveis, assim como a premente e constante evolução destes serviços para se adaptarem e darem resposta ao crescimento gradual. Para termos uma ideia, ainda vigoravam as 23 línguas oficiais, uma sessão plenária, que conta com uma interpretação simultânea para e a partir de todas as línguas oficiais da UE, mobiliza, em média, 800 a 1000 intérpretes, o que torna evidente a impossibilidade de tal logística decorrer em todo o tipo de reuniões e comités. Contudo, devido aos contantes alargamentos assim como às restrições económicas que se vive, a própria UE começou a limitar os seus gastos e, se existe uma forte pressão por parte dos Eurodeputados para manter essa realidade multilinguística no que toca à interpretação, já a tradução começou a sofrer uma série de seleções no que diz respeito aos documentos a traduzir e para que línguas.¹⁷

¹⁶ http://europa.eu/about-eu/facts-figures/administration/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

¹⁷ Ferreira Anacleto-Matias, Tiago Nuno Martins (2008), O Pluri-Multi-Linguismo no Contexto Atual Europeu – Os Serviços de Tradução e Interpretação da União Europeia, pág. 16

Capítulo II – A Interpretação

2.1 Modos de Interpretação

Tendo em mente que tradução e interpretação são conceitos distintos, importa diferenciá-los.

Tradução implica a transposição de um discurso escrito de uma língua para outra, dispondo o tradutor de um tempo considerado razoável para o fazer, o que lhe permite recorrer a memórias de tradução ou consultas bibliográficas para obter um texto final técnica e linguisticamente correto.

Por sua vez, a interpretação implica a transposição de um discurso oral de uma língua para outra, dispondo o intérprete apenas do tempo suficiente para apreender a mensagem antes de a transmitir ao destinatário, estando ainda sujeito à imprevisibilidade de vários fatores que o obrigam a concentrar-se no significado em detrimento da integralidade do discurso.

Há diversas modalidades de interpretação, sendo as mais conhecidas a interpretação remota – como a interpretação de conferência, e a interpretação de acompanhamento, também designada por "*interprétation de liaison*" em língua francesa, ou "*escort interpretation*", em língua inglesa, como é o caso de um intérprete destacado para acompanhar um visitante estrangeiro.

Por norma os intérpretes de conferência trabalham em equipas e, em instituições que detenham os meios apropriados, encontram-se numa cabina de interpretação contendo consolas equipadas com microfone e auscultadores, a qual deverá cumprir as normas ISO em vigor.

A interpretação pode ainda ser efetuada em modo simultâneo - ou seja decorre ao mesmo tempo que o orador fala, com apenas alguns segundos de intervalo, para que o intérprete possa apreender a mensagem - ou em modo consecutivo, no qual o intérprete toma notas do discurso proferido e posteriormente transmite-o na língua de chegada. A interpretação simultânea, ideal para eventos multilíngues com um grande número de participantes bem como para rádio ou televisão, requer uma grande capacidade de concentração, razão pela qual os intérpretes devem revezar-se de meia em meia hora. A Interpretação consecutiva é mais demorada pois o intérprete só transmite o discurso para a língua pretendida após o orador ter terminado, de acordo com as notas que tomou e em períodos recomendados de 15 minutos, pelo que é mais apropriada para conferências ou eventos em que não estejam em causa muitas línguas ou em situações mais formais ou quando não estejam reunidas as condições para a interpretação simultânea.

A grande vantagem da interpretação simultânea em comparação com a interpretação consecutiva, é que permite efetuar a interpretação num período de tempo mais curto e sem quebras no ritmo da comunicação, dado que todos os intervenientes e participantes ouvem o discurso na sua língua.

Cada intérprete possui uma combinação linguística constituída por línguas ativas – aquelas em que o intérprete se exprime e línguas passivas - aquelas a partir das quais interpreta.

Há, no entanto, dentro da interpretação simultânea há alguma terminologia que convém abordar:

- Relais

O *relais* consiste na interpretação de uma língua para outra, passando por uma terceira. Quando o orador fala numa língua para a qual não existe intérprete numa cabina de língua ativa, esta pode efetuar uma ligação áudio a outra que tenha a língua em que é feita a intervenção, e fazer o *relais* dessa cabina. O intérprete trabalha através de outra língua sem que se perca a qualidade da interpretação.

- Retour

O *retour* consiste na interpretação da língua materna para uma língua estrangeira. Habitualmente, a interpretação é feita para a língua materna. No entanto, alguns intérpretes têm um conhecimento tão grande de uma segunda língua que podem interpretar para essa língua a partir da língua materna ou mesmo de todas as línguas da sua combinação linguística. Recorre-se ao *retour* quando se pretende facultar a interpretação em relais de idiomas menos conhecidos para línguas mais generalizadas.

- Pivot

O *pivot* consiste na utilização de uma única língua como relais. Ou seja, se apenas um reduzido número de intérpretes possuir como língua passiva um idioma menos generalizado, apelidam-se de *pivot* para os demais, que os utilizarão como relais.

- Cheval

Designa-se de *cheval* um intérprete capaz de interpretar para duas línguas ao mesmo tempo, ou seja, numa reunião com interpretação simultânea em que se utilizem apenas duas línguas pode-se recorrer apenas a um intérprete capaz de interpretar para ambas, o que lhe permite trabalhar alternadamente em duas cabinas na mesma reunião, de acordo com a necessidade.

- Interpretação assimétrica

A interpretação assimétrica acontece quando todos os oradores se expressam na sua língua materna, mas ouvem a interpretação apenas em algumas línguas. Esta situação é possível quando há a certeza de que os oradores percebem uma ou mais línguas ativas, embora não se consigam expressar fluentemente nelas. Este sistema permite colmatar ou reduzir o número de intérpretes numa sessão.

- **Chuchotage**

A *chuchotage* consiste na interpretação simultânea em voz baixa ou sussurrada, o que implica que o intérprete está junto da pessoa e fala-lhe diretamente ao ouvido. Este método só pode ser utilizado quando o número de intervenientes é muito reduzido e estejam todos juntos. Por vezes substitui a interpretação consecutiva para poupar tempo.

- **Valise**

A *valise* é um modo de interpretação simultânea praticado em locais onde não é possível proceder à instalação de cabinas de interpretação e consiste na utilização de um dispositivo técnico portátil chamado *valise*, composto por um sistema de auscultadores ligados a um microfone.

- **Teleinterpretação**

A teleinterpretação, como o próprio nome indica, consiste na interpretação simultânea feita através de um sistema de ecrãs que facultam uma visão completa da sala aos intérpretes, uma vez que nem estes nem as cabinas se encontram na sala da reunião.

2.2 Línguas Ativas

São línguas ativas as que os intérpretes falam e que os oradores podem ouvir, ou seja, são a ferramenta principal do trabalho do intérprete – é a sua língua materna ou fluida como tal, pelo que este deve ter um domínio perfeito da mesma. De referir que há profissionais que têm mais do que uma língua ativa.

São línguas passivas as que os intérpretes percebem e que os oradores falam, ou seja, são as línguas a partir das quais o intérprete trabalha – as designadas línguas estrangeiras que domina e das quais deve ter uma perfeita compreensão para ser capaz de interpretar qualquer tipo de discurso independentemente das circunstâncias.

Nas instituições da União Europeia, por exemplo, uma reunião com um regime linguístico 24-24, quer dizer que há 24 línguas passivas e 24 línguas ativas, o que significa que há interpretação de e para todas as línguas oficiais. Este regime é designado de completo e simétrico. No entanto, quando a interpretação só é assegurada a partir de um número de línguas oficiais inferior ao total trata-se de um regime reduzido. Por outro lado, quando os oradores podem ouvir e falar as mesmas línguas diz-se que é um regime simétrico. Pelo contrário, quando as línguas faladas são superiores às que se podem ouvir então estamos perante um regime assimétrico – é o que acontece quando se diz que uma reunião tem um

regime linguístico de 15-3, significa que os oradores podem falar as 15 línguas oficiais, mas que só é assegurada interpretação para, por exemplo, 3 dessas línguas.¹⁸

2.3 Formação

Em Portugal, embora sejam vários os estabelecimentos de ensino superior com formação em Tradução, o mesmo não se verifica em relação à Interpretação. Apenas a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), o Instituto Politécnico do Porto (IPP) e o Instituto Politécnico de Leiria (IPL) contemplam formação superior nesta área, se bem que no caso do IPL, trata-se de formação muito específica.

Em 1990 foi aprovada a primeira licenciatura na área da Tradução e Interpretação em Portugal, apresentada pelo Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade Autónoma de Lisboa. Foi igualmente nesta década que os cursos de Línguas e Literaturas Modernas sofreram uma reestruturação e o referido Departamento empreende uma viragem na sua orientação e canaliza esforços para a implementação de Cursos Livres, Pós-Graduações, Mestrados e Doutoramentos, se bem que a incidência nestes últimos centrou-se na tradução em detrimento da interpretação. No âmbito da Licenciatura em Tradução e Interpretação, os discentes e alunos da UAL tinham disponíveis não só cabinas de Interpretação Simultânea completamente equipadas mas também *software* de Legendagem (Spot) e de Tradução (Trados).¹⁹

Entretanto, com o passar dos anos, a afluência de alunos a esta licenciatura baixou drasticamente, pelo que foi extinta, restando hoje apenas uma pós-graduação em Tradução²⁰.

Em 2007/2008 teve lugar a primeira edição do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas (MTIE) do Instituto Politécnico do Porto, lecionado no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) que, desde então, tem vindo a desenvolver-se com assinalável sucesso. As aulas são lecionadas em ambiente laboratorial tecnologicamente avançado, com recurso às ferramentas de tradução assistida e automática, de localização de *software* e de interpretação mais utilizadas no mercado português e internacional.²¹

Num programa conjunto de mestrado, organizado pela Universidade de Lisboa em colaboração com o Instituto Politécnico de Macau, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa oferece um mestrado em Tradução e Interpretação de Conferências.²²

¹⁸ http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/language-regime/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

¹⁹ <http://portal.ual.pt/portal/Main?Portal=119>, acedido em Setembro.2015

²⁰ Universidade Autónoma de Lisboa – Setembro.2015

²¹ <http://www.iscap.ipp.pt/site/php/mestrados.php?curs=6>, acedido em Setembro.2015

²² <http://www.letras.ulisboa.pt/pt/cursos/mestrados-2-ciclo> e

http://www.ipm.edu.mo/postgraduate/pt/lisboa_translation.php, acedido em Setembro.2015

Por sua vez, o Instituto Politécnico de Leiria, em parceria com o Instituto Politécnico de Macau (IPM), contempla no seu plano curricular uma Licenciatura em Tradução e Interpretação Português/Chinês – Chinês/Português.²³

Também resultado de uma parceria entre o Instituto Politécnico de Leiria, através da sua Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (IPL/ESECS), a Universidade de Língua e Cultura de Pequim (BLCU) e o Instituto Politécnico de Macau (IPM), foi organizado o Mestrado em Português e Chinês - Especialidade em Tradução e Interpretação.

2.4 Associações Profissionais

SNATTI - Sindicato Nacional da Atividade Turística, Tradutores e Intérpretes²⁴

Em 1936, numa tentativa de resolver a situação conturbada que se vivia, um grupo de profissionais solicitou às autoridades a criação de um sindicato para tentar regular o exercício da atividade dos guias-intérpretes e para os protegerem da prepotência das agências.²⁵

Os acontecimentos históricos e políticos – nomeadamente as guerras – não favoreceram a atividade do sector turístico. Já após 1945, o então presidente do SNAT, Ferreira Borges, para além da representatividade, apostou na formação dos futuros guias-intérpretes, conferindo essa orientação e responsabilidade ao sindicato.

Na década de 1960, foram organizadas diversas ações no sentido de preparar e reconhecer os profissionais. As boas relações com o SNI – Secretariado Nacional da Informação e a participação no Conselho Nacional do Turismo, permitiu ao sindicato negociar legislação que regulasse a atividade e definisse a respetiva carreira profissional. No entanto, o aparecimento de determinadas entidades formadoras privadas, como o ISLA e o INP, veio tirar preeminência ao sindicato.

A partir de meados dos anos 70, a alteração de sistema político confere outro significado ao termo sindicato. Abre-se uma época de grandes mudanças em todos os quadrantes da sociedade portuguesa. Embora não haja registo de grande furor reivindicativo ao nível do SNAT. Surgiram novas oportunidades de trabalho, uma organização do mercado, nova legislação laboral, fiscal, etc... e portanto maior necessidade de intervenção por parte do sindicato em prol dos “trabalhadores independentes” – assim designados doravante – do setor da atividade turística.

²³ <http://www.ipleiria.pt/cursos/course/licenciatura-em-traducao-e-interpretacao-portuqueschines-chinesportuques/>,
acedido em Setembro.2015

²⁴ <http://www.snatti.com>, acedido em Outubro.2015

²⁵ Alves, Alberto: “Guias-Intérpretes – Memórias e Futuro”, intervenção proferida no Congresso Nacional de G-I. e Correios de Turismo, Lisboa, 13/06/2004

Em 1990, voltou a integrar oficialmente duas profissões do ramo linguístico, sem ligação direta ao turismo, mas que completam a sua abrangência, passando a designar-se SNATTI, tal como hoje é conhecido e sendo representativo de profissionais nas áreas do Turismo, Tradução e Interpretação, nas várias vertentes e diferentes idiomas.

APIC – Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência²⁶

A Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência (APIC) foi criada em 1987 por um grupo de intérpretes de conferência independentes com o objetivo de assegurar os padrões de qualidade da interpretação de conferência em Portugal no quadro de uma configuração institucional própria.

Em obediência a um Código Deontológico que constitui o seu marco de referência primordial, a APIC propõe-se zelar pelo cumprimento de condições de trabalho compatíveis com as exigências da profissão, defender os direitos específicos dos seus associados, promover a colaboração entre os profissionais da interpretação de conferência e entre estes e as instituições relacionadas com a sua atividade específica e apoiar a formação de intérpretes de conferência.

Os associados da APIC são intérpretes altamente qualificados, cuja admissão depende da avaliação positiva das suas competências realizada por júris formados por profissionais. A APIC conta com o reconhecimento de organizações nacionais e internacionais (governamentais e não-governamentais) e de empresas e instituições da cultura e da ciência, e orgulha-se de ver o mérito dos seus membros ratificado pela Presidência da República, pela Presidência do Conselho de Ministros, pela Comissão Europeia e pelo Parlamento Europeu, entre outras instituições de prestígio. A APIC encontra-se representada no Conselho Consultivo para a Tradução e Interpretação do Sindicato Nacional de Atividade Turística, Tradutores e Intérpretes.

AIIC – Associação Internacional dos Intérpretes de Conferência²⁷

A Associação Internacional dos Intérpretes de Conferência (AIIC) foi fundada em Paris, em 1953 e é a única associação mundial de intérpretes de conferência. Com sede em Genebra, conta com cerca de 3.000 membros em perto de 100 países, mais de 20 regiões e meia dúzia de sectores AIIC. Os membros da AIIC interpretam para cerca de 50 línguas, incluindo gestuais.

Portugal tornou-se região AIIC em 1985, na Assembleia de Lisboa, tendo durante cerca de 20 anos existido também a APROFIC, associação de direito português coincidente com a região e entretanto dissolvida. Os membros estão sobretudo em Lisboa mas também no Funchal e no Porto, onde a Assembleia reuniu em 2003. Como os seus colegas em todo o mundo, os

²⁶ <http://www.apic.org.pt>, acedido em Outubro.2015

²⁷ <http://www.aiicportugal.pt/portal/index.php/pt/>, acedido em Outubro.2015

intérpretes AIIC Portugal aplicam um exigente Código Deontológico que impõe absoluta confidencialidade e boas práticas de interpretação.

A linguagem e os idiomas são o núcleo da comunicação em nível internacional. Trata-se de um direito fundamental poder dizer exatamente aquilo que se pretende em seu idioma pátrio e compreender perfeitamente o que está sendo dito em outros idiomas. A AIIC tem como função básica a garantia deste direito, ao trabalhar com todos os tipos de usuários para adequar a oferta à demanda. A AIIC promove a profissão de intérprete de conferência tanto no interesse dos usuários como dos profissionais, mediante definição de normas profissionais de alto nível, formação de qualidade e aplicação do código deontológico profissional.

A Adesão à AIIC é feita por apresentação de outros colegas já membros, que examinam o currículo do candidato e seu trabalho em cabina. Ao ser aceite como membro, o profissional compromete-se a respeitar tanto o rigoroso Código Deontológico quanto as Normas profissionais da Associação.

A associação tem como meta representar a profissão e agir em nome de todos os intérpretes de conferência. Ao ampliar o número de membros, sobretudo nos países em que a interpretação de conferência encontra-se em plena expansão, e mantendo-se atualizada quanto à evolução da profissão, a AIIC aspira contribuir para o bem comum de toda a comunidade de intérpretes.

APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes²⁸

A Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes (APTRAD) é a mais recente, surgiu em fevereiro de 2015 com o intuito de criar uma associação profissional dinâmica e ativa em Portugal, face à necessidade premente e fundamental de organizar e credibilizar a profissão de tradutor/intérprete. Foi fundada por um grupo de sete profissionais dedicados, com diferentes percursos e experiências, que lançaram mãos à obra e constituíram aquela que pretendem que venha a ser a referência e o ponto de encontro da tradução e interpretação em Portugal.

Interpretar o presente para traduzir o futuro constitui o lema para a criação de um novo paradigma na profissão em Portugal. A APTRAD assume o compromisso de desenvolver o crescimento profissional dos seus associados, apoiando a integração dos futuros profissionais de tradução no mercado de trabalho.

A APTRAD assume uma postura moderna, criativa, inovadora, profissional e acessível aos seus associados.

²⁸ <http://www.aptrad.pt/>, acedida em Outubro.2015

2.5 A Interpretação na UE

Como já foi referido anteriormente, a adesão de Portugal à União Europeia, em 1986, veio impulsionar a procura de intérpretes, nomeadamente de conferência, no país e no estrangeiro. Mas quais os atrativos de uma carreira na UE, em que o trabalho é desenvolvido maioritariamente fora do país de origem?

A UE apresenta-se como um empregador flexível e moderno que proporciona um ambiente dinâmico e estimulante aos seus colaboradores, dando-lhes a oportunidade de ter uma carreira estável mas na qual podem progredir, além de estarem em constante evolução e contribuírem para um bem maior, como a concretização do projeto europeu e a melhoria das condições de vida dos seus cidadãos – tal é possível constatar na sua página oficial (http://europa.eu/epso/discover/why_eu_career/index_pt.htm).

Com tais incentivos, assim como com as necessidades decorrentes dos vários alargamentos que tem efetuado, não é de admirar que o serviço de interpretação da UE seja o maior do mundo. Os seus intérpretes têm como missão assegurar a correta comunicação entre todos os intervenientes nas situações em que a tal são chamados, recorrendo à interpretação simultânea ou consecutiva.

2.5.1 Departamentos

As principais instituições europeias que recorrem à tradução são a Direção-Geral da Interpretação e das Conferências (DG INTE) do Parlamento Europeu, a Direção-Geral de Interpretação da Comissão Europeia (SCIC) e a Direção de Interpretação do Tribunal de Justiça da União Europeia.

Para além das línguas oficiais, verifica-se com alguma frequência a necessidade de utilizar as línguas dos países candidatos, bem como a de outros países com os quais a UE precisa de interagir como: o russo, o chinês, o árabe, o japonês, etc.



Plenário do Parlamento Europeu

(Fonte: <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/interpreting-in-the-parliament.html>)

O Parlamento Europeu²⁹ possui um dos maiores serviços de interpretação do mundo, não só pela diversidade das reuniões como pelo facto de serem todas multilingues, trabalhando diariamente em 24 idiomas, mas também porque providencia a interpretação aos seus deputados em deslocações ao exterior. O serviço de intérpretes do Parlamento Europeu é assegurado pela Direção-Geral da Interpretação e das Conferências (DG INTE) do Parlamento Europeu.

Direcção-Geral de Interpretação da Comissão Europeia (SCIC)

“A DG da Interpretação emprega pessoal administrativo e pessoal linguístico (intérpretes)”³⁰. Para assegurar a transparência e a igualdade de acesso a todos os cidadãos da UE, o recrutamento é feito por concurso público, com base no qual são elaboradas as listas de reserva de candidatos aprovados a partir das quais os funcionários são recrutados.

Direção de Interpretação do Tribunal de Justiça da União Europeia

“O Estatuto do Tribunal de Justiça e as suas regras processuais estabelecem um regime linguístico estrito que assenta no conceito de língua do processo. Em princípio, a língua do processo é escolhida pelo demandante/recorrente de entre as 24 línguas oficiais da União Europeia”.³¹

O Tribunal de Justiça Europeu, guardião dos direitos comunitários, assegura que as partes envolvidas num processo possam exprimir-se na sua língua materna, necessitando, por conseguinte, de interpretação simultânea nas audiências públicas.

Neste sentido, compete à Direção da Interpretação assegurar esse serviço nas audiências do Tribunal de Justiça, do Tribunal Geral e do Tribunal da Função Pública da União Europeia, contanto para o efeito com cerca de 70 intérpretes permanentes e podendo recorrer a intérpretes externos sempre que tal se verifique necessário.

A quantidade de idiomas utilizados varia em função a audiência, pelo que a constituição das equipas de interpretação têm de ter em contas a língua do processo, a língua dos Estados-Membros representados na audiência, as necessidades de interpretação dos juízes e dos eventuais grupos de visitantes.

2.5.2 Metodologias

As equipas de intérpretes são constituídas em função do tipo de reunião a realizar e das línguas necessárias para a sua realização. Com exceção das reuniões plenárias do Parlamento Europeu nas quais a interpretação simultânea é feita para e a partir de todas as línguas oficiais

²⁹ <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/interpreting-in-the-parliament.html>, acedido em Outubro.2015

³⁰ http://ec.europa.eu/dgs/scic/become-an-interpreter/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

³¹ http://curia.europa.eu/jcms/jcms/Jo2_12357/, acedido em Outubro.2015

da UE, mobilizando uma média de mil intérpretes, as demais são programadas tendo em conta os seguintes parâmetros:

- Reuniões em que são utilizadas, no máximo, 6 línguas ativas e/ou passivas – 2 intérpretes por cabina;
- Reuniões em que são utilizadas, no mínimo, 7 línguas ativas e/ou passivas – 3 intérpretes por cabina;
- Reuniões com 24 línguas ativas e passivas – uma equipa completa de interpretação que deverá compreender 72 intérpretes.

A fim de assegurar o bom funcionamento técnico, os intérpretes são assistidos por uma equipa de técnicos de conferência, que garantem a gestão operacional e manutenção dos sistemas de interpretação antes e durante as reuniões.³²

2.5.3 Recrutamento

O processo de recrutamento da UE está centralizado no EPSO - Serviço Europeu de Seleção do Pessoal³³. Compete a este Gabinete lançar os concursos gerais de recrutamento, cujos anúncios são publicados no Jornal Oficial e no *website* do EPSO, para as seguintes instituições:

- Comissão Europeia (com serviços em Bruxelas e no Luxemburgo, bem como representações em todos os países da UE);
- Parlamento Europeu (com serviços em Bruxelas, no Luxemburgo e Estrasburgo, bem como representações em todos os países da UE);
- Conselho da União Europeia (Bruxelas);
- Tribunal de Justiça da União Europeia (Luxemburgo);
- Tribunal de Contas Europeu (Luxemburgo);
- Comité Económico e Social Europeu (Bruxelas);
- Comité das Regiões (Bruxelas);
- Provedor de Justiça Europeu (Estrasburgo);
- Autoridade Europeia para a Proteção de Dados (Bruxelas);
- Serviço Europeu para a Ação Externa (com sede em Bruxelas e delegações em todo o mundo).

No entanto, há três instituições que dispõem de processos de seleção próprios:

- Banco Central Europeu
- Banco Europeu de Investimento
- Fundo Europeu de Investimento

³² <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/interpreting-in-the-parliament.html>, acedido em Outubro.2015

³³ http://europa.eu/epso/discover/institutions/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

O recrutamento de intérpretes de conferência decorre normalmente no Verão (Junho/Julho) e compreende não só a avaliação das competências académicas e profissionais dos candidatos mas também das competências pessoais, inerentes a todos os funcionários da UE.³⁴



Intérprete de Conferência

(Fonte: <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/the-interpreter.html>)

Os candidatos a intérpretes de conferência na UE devem apresentar, a título indicativo, quatro características pessoais:

- ser um comunicador nato, demonstrando capacidade de ir interpretando ao mesmo tempo que ouve o discurso original, facilidade de expressão, boa dicção;
- possuir uma vasta cultura geral e abertura de espírito, de forma a poder trabalhar e compreender questões complexas nos mais variados domínios;
- ter capacidade de reação e adaptação, pois pode ser confrontado com as mais variadas situações que o obrigam a reagir e a adaptar-se rapidamente a novas circunstâncias;
- trabalhar sob pressão, tanto individualmente como em equipa, devendo ser capaz de interpretar qualquer tipo de discurso, independentemente do tema, do contexto, da identidade dos participantes e do local onde é proferido.

Ao nível académico as competências dos intérpretes passam por:

- ter qualificações específicas ao nível da licenciatura no domínio da interpretação de conferências ou uma licenciatura noutra área e um ano de experiência profissional como intérprete de conferência ou uma pós-graduação nesta área;
- dominar perfeitamente uma língua oficial da UE e ter um excelente conhecimento de, pelo menos, duas outras línguas (uma das quais deve ser obrigatoriamente o inglês, o francês ou o alemão);

As competências académicas são avaliadas através da realização de provas de interpretação simultânea e consecutiva nas línguas escolhidas e, caso se justifique, numa língua *retour*, além dos testes sobre diversas matérias não linguísticas.³⁵

³⁴ <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/study-and-traineeships.html>, acedido em Outubro.2015

³⁵ http://europa.eu/epso/discover/job_profiles/language/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

Os candidatos a intérprete *freelance* da UE têm de realizar um exame de acreditação interinstitucional cuja aprovação lhes garante o registo do seu nome e contacto na base de dados conjunta de intérpretes *freelance* acreditados da UE.³⁶

Para os portugueses interessados em candidatar-se a uma carreira de intérprete de conferência na UE, Anabela Frade, Chefe da Unidade de Língua Portuguesa do Serviço de Interpretação da Comissão Europeia, fala sobre os requisitos para se ser admitido como intérprete de língua portuguesa³⁷:

- ter um diploma universitário em Interpretação de Conferência ou um diploma universitário e experiência comprovada como Intérprete de Conferência;
- Demonstrar um excelente nível da língua materna;
- Ser um bom comunicador;
- Apresentar como perfil mínimo o domínio de duas línguas estrangeiras, em que uma seja o inglês (língua obrigatória na qual são realizados todos os testes) e a uma outra língua europeia que não o espanhol. A recomendação é que quanto mais exótica for a outra língua estrangeira mais interesse desperta;
- Ter talento.

2.5.4 Tecnologias Utilizadas

O objetivo do desenvolvimento tecnológico é facilitar os métodos de trabalho e a qualidade de vida. Aplica-se o mesmo à interpretação.

A interpretação simultânea é exercida em cabinas, neste momento o equipamento é fornecido por duas empresas: a TELEVIC e a BOSCH, as quais devem assegurar uma boa visibilidade da totalidade da sala e dos intervenientes. Devem igualmente ser confortáveis em termos de espaço e de equipamento (como as cadeiras), insonorizadas, climatizadas e bem iluminadas.

A este respeito importa lembrar que foram estabelecidas normas ISO para as cabinas e para o equipamento: ISO 2603 – 1998 (cabinas fixas) e ISO 4043 – 1998 (cabinas móveis).

Com o objetivo de proporcionar as melhores condições de trabalho aos intérpretes e assegurar uma elevada qualidade do trabalho a DG Interpretação esforça-se por reforçar estas normas.

O conceito de cabina está tão generalizado que, para os intérpretes, "trabalhar na cabina" significa exclusivamente interpretar. Mas a "cabina" também se refere à língua ativa do intérprete ou, na DG da Interpretação, à unidade de interpretação a que este pertence. A DG

³⁶ http://europa.eu/interpretation/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

³⁷ http://ec.europa.eu/dgs/scic/become-an-interpreter/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

da Interpretação tem uma unidade de interpretação - ou cabina - por cada língua oficial da União.³⁸

³⁸ http://ec.europa.eu/dgs/scic/organisation-of-conferences/interpreting-booth-standards/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015

Capítulo III – O Perfil do Intérprete em Portugal: Análise Detalhada dos Questionários

3.1 Descrição Detalhada da Aplicação do Questionário

O *software* de *limesurvey.org* (www.limesurvey.org/en/) é uma plataforma on-line abrangente, de fácil utilização, que permite criar e enviar questionários com facilidade, proporcionando um modelo básico gratuitamente e modelos mais sofisticados mediante o pagamento de um determinado montante, possibilitando a elaboração de um questionário simples ou uma pesquisa de mercado mais aprofundada – indo assim de encontro às necessidades quer de particulares, em princípio com utilizações esporádicas, quer de empresas, que podem recorrer a este tipo de ferramenta regularmente. Permite igualmente extrair, separar ou filtrar os dados a qualquer momento e em tempo real.

Algumas características desta plataforma compreendem:

- Número ilimitado de questionários em simultâneo
- Número ilimitado de questões e de participantes
- Introdução de imagens e vídeos no questionário
- Envio de convites e lembretes por *e-mail*
- Questionários que podem ser enviados por meio de aparelhos móveis, pela web ou via redes sociais
- Editor wysiwyg html.³⁹

Para a elaboração deste projeto utilizou-se a versão gratuita, ou seja a elaboração de um questionário básico, o qual comportava o título, um texto introdutório e as respetivas perguntas, tendo ficado disponível num *link* de acesso (<http://iscap.ipp.pt/inqueritos/index.php?sid=25>). Posteriormente esse mesmo *link* foi remetido via *e-mail* para um total de 375 destinatários, tendo sido obtidas um total de 73 respostas válidas (19,5%) – correspondendo 38 respostas a intérpretes e 56 a tradutores. Neste ponto é necessário referir que alguns intérpretes também realizam traduções pelo que se colocaram em ambos os campos, pois tradutores em exclusividade temos apenas 35, o que se revela um número muito reduzido face ao significativo número que se presume existir. Esta fraca adesão por parte dos tradutores pode encontrar alguma justificação no facto do inquérito ser deliberadamente dirigido a intérpretes.

Embora não sendo um valor muito elevado devemos confessar que superou as expectativas tendo em consideração a relutância sobejamente conhecida que as pessoas têm em responder a inquéritos, mais ainda quando não está em causa qualquer retribuição pelo facto e os visados serem profissionais com uma carreira estável. Acresce a este facto uma questão que infelizmente também se verificou e que passa pela recusa explícita de alguns profissionais em participarem nestas iniciativas por as considerarem desprestigiantes.

³⁹ www.limesurvey.org/en/, acedido em 2008 e em Outubro.2015

3.2 Análise das Respostas

O Questionário

Como referido inicialmente, na parte relativa à metodologia expressa na introdução, por receio de não haver uma boa adesão ao questionário da parte dos intérpretes e de modo a prevenir que a escassez de respostas inviabilizasse o presente projeto, optou-se por adaptar o inquérito inicial, mantendo contudo a evidência de que seria esse o público-alvo, e incluiu-se também como destinatários os profissionais de tradução, deixando assim em aberto um rumo alternativo, caso tal se verificasse necessário, de forma a garantir a viabilidade deste trabalho.

Neste contexto, o questionário infra foi remetido via *e-mail* para intérpretes e tradutores – cujos contactos estavam disponíveis on-line (Google, sapo, sites da especialidade, etc.), de nacionalidade portuguesa, independentemente do local ou país de trabalho, assim como às várias associações profissionais (atento o facto de que a maioria não disponibiliza no site nem a pedido os contactos dos associados) apelando aos seus bons ofícios para o questionário junto dos seus associados.

Procedeu-se então ao envio de 375 questionários, dos quais 73 foram devidamente preenchidos e validados, pertencendo 38 a intérpretes e 56 a tradutores – de notar, como foi dito anteriormente, que alguns intérpretes também realizam traduções pelo que se colocaram em ambos os campos (o que significa que temos apenas 35 tradutores em exclusividade), não só por possuírem conhecimentos para isso mas também devido a outras razões, nomeadamente de carácter económico, que serão abordadas na análise do questionário.

Ora, tendo em consideração que o número de intérpretes portugueses é muito mais reduzido do que o número de tradutores, optou-se por manter o rumo inicialmente previsto para este trabalho, pois considerou-se que 38 respostas já espelhavam um número significativo como base de trabalho. Assim, neste projeto foram apenas analisadas e trabalhadas as respostas dos intérpretes.

A confidencialidade das respostas será mantida não se fazendo referência, portanto, ao nome ou contacto dos inquiridos.

Alguns dos participantes colaboraram com um outro exemplo pessoal e outros houve que, decidindo não colaborar no preenchimento do inquérito colocaram-se à disposição para esclarecer alguma questão ou informação mais específica, oferecendo desta forma a sua participação.

Neste contexto, serão objeto de uma análise mais pormenorizada as respostas dirigidas aos intérpretes em detrimento daquelas mais específicas dos tradutores.

O teor do questionário em causa é o que abaixo se reproduz:

01. Sexo

- F
- M

02. Idade

- 20-25
- 26-30
- 31-35
- 36-40
- 41-45
- 46-50
- >50

03. Estado Civil

- Solteiro
- Casado
- Divorciado
- Viúvo

04. Que atividade exerce?

- Intérprete
- Tradutor

Caso a opção selecionada seja intérprete:

4.1. Que modos de interpretação pratica?

- Interpretação de Conferência
- Interpretação de Acompanhamento
- Interpretação Judicial/Tribunal
- Interpretação Remota
- Guia intérprete
- Outra

05. Formação

- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento
- Outra _____

06. Fez formação profissional na área de interpretação/Tradução?

- Sim
- Não

Se sim, qual _____

07. Há quanto tempo exerce a profissão?

- < 1 ano
- 1-3 anos
- 1-5 anos
- >5 anos
- > 10
- > _____

08. Línguas de Trabalho

- A
 - B
 - C
- Português (Caixa opção) (Caixa opção)
- Inglês
- Francês
- Alemão
- Espanhol
- Italiano
- Outra _____

09. Com que instituições trabalha

- Públicas
- Privadas

Quais _____

10. Em que país exerce a profissão de intérprete/tradutor?
- Em Portugal
 - No estrangeiro Onde _____
11. Preparação prévia do trabalho
- Pesquisa vocabulário específico
 - Pesquisa em dicionários
 - Pesquisa na Internet
 - Memórias de tradução
12. Classifique de 1 a 5 (1 = mau; 5 = excelente) as características que considera essenciais para o desempenho da função de intérprete/tradutor
- Espírito de liderança
 - Profissionalismo e simpatia
 - Conhecimentos
 - Domínio de línguas estrangeiras
 - Boa apresentação
 - Boa dicção e tom de voz elevado
- Outra _____
13. Classifique de 1 a 5 (1 = mau; 5 = excelente) quais os parâmetros de qualidade que o regem
- Tradução original
 - Tradução do sentido da mensagem
 - A coesão lógica da interpretação
 - O uso da terminologia correta
 - A transmissão completa da informação
 - A correção gramatical
 - A fluidez
- Outra _____
14. Exerce outra profissão para além da de intérprete/tradutor?
- Sim
 - Não
- Qual _____
15. Como considera a profissão de intérprete/tradutor?
- Muito importante
 - Importante
 - Pouco importante
16. Que imagem acha que o mercado de trabalho tem da profissão de intérprete/tradutor?
- Essencial
 - Necessária
 - Desnecessária
17. Gosta da sua profissão
- Sim
 - Não
 - Pouco
18. Considera a sua profissão compensadora materialmente?
- Muito
 - Sim
 - Pouco
 - Não

19. A título meramente indicativo, durante quantos anos considera ainda exercer a profissão de intérprete/tradutor?
- _____ anos
20. No exercício da profissão de intérprete/tradutor, tem ou teve oportunidade de viajar para vários países?
- Sim • Não
- Se sim, quais _____
21. Considera que a profissão de intérprete/tradutor lhe permitiu melhorar substancialmente os seus conhecimentos e elevar o seu status social?
- Muito • Sim • Não muito • Não
22. Está sindicalizado(a)?
- Sim • Não
- Se sim, em que estrutura sindical _____
23. Em que regime trabalha?
- Contratual • Livre
24. Que problemas considera serem mais relevantes na profissão de intérprete/tradutor? (1 = menor; 5 = maior)
- Profissionais em excesso
 - Lacunas na preparação académica
 - Insegurança no trabalho
 - Horários
 - Remuneração
 - Falta de ética entre colegas
 - Sazonalidade do trabalho
 - Falta de proteção social
 - Mercado cinzento
 - Outros _____
25. Receia a entrada de profissionais estrangeiros oriundos de países da UE no mercado português?
- Sim • Não muito • Não
26. Considera que a profissão de intérprete/tradutor afeta a sua vida pessoal e familiar?
- Positivamente • Não muito • Negativamente
27. Como entrou para a instituição onde desenvolve a sua atividade de intérprete/tradutor/?
- Concurso
 - Destacamento
 - Convite
 - Outra _____
28. Conte-nos uma história (ou mais) que, pelo seu lado pedagógico, pitoresco ou anedótico, permaneça inesquecível na sua profissão de intérprete/tradutor.

Facultativa

Para os associados do SNATTI

29. No geral, da sua experiência como intérprete, o que agrada mais aos estrangeiros que nos visitam e, pelo contrário, o que causa maior número de comentários negativos?

Facultativa

30. Como caracterizaria (numa ou mais palavras) os estrangeiros que nos visitam?

Facultativa

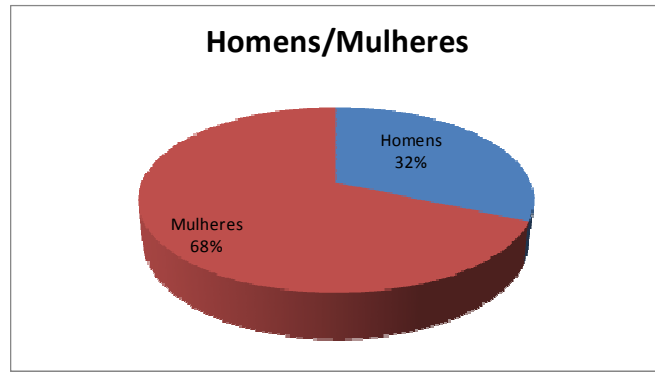
- Ingleses
- Franceses
- Espanhóis
- Italianos
- Alemães
- Nórdicos
- Americanos
- Asiáticos
- Outros _____

Tentou-se colocar questões diretas, sempre que possível com as opções de resposta já previstas, deixando contudo sempre uma opção em aberto, com o intuito não de limitar a resposta mas sim de agilizar a forma de responder, tornando possível fazê-lo com um simples clique do rato, para facilitar a adesão – pois são escassos os profissionais que dedicam mais do que cinco minutos do seu tempo a este tipo de solicitações.

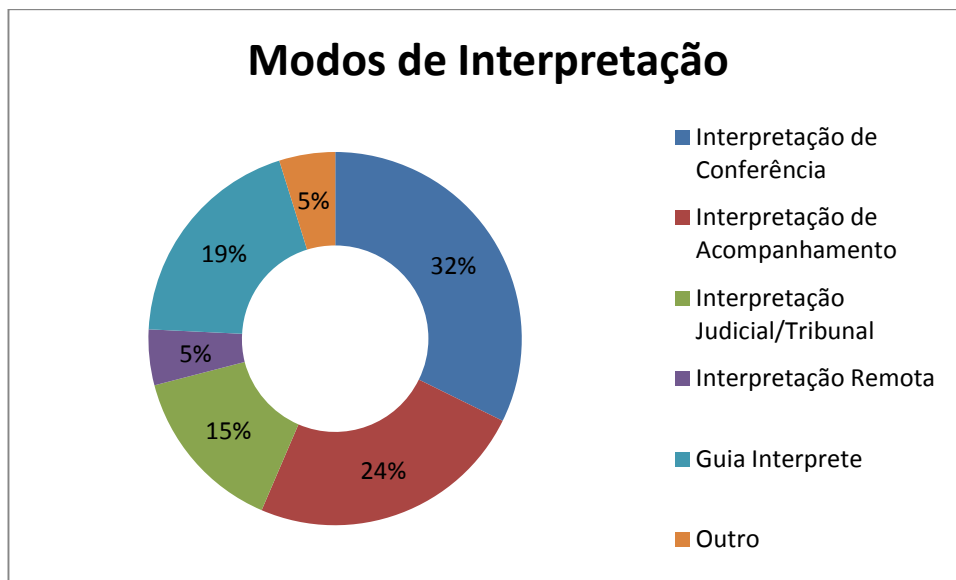
Informação Básica: Sexo, Idade, Estado Civil

Apesar de cada vez mais homens e mulheres ocuparem os mesmos cargos, a verdade é que ainda há profissões que são predominantemente dominadas pelo sexo feminino e outras pelo masculino. O caso da vertente linguística é uma delas, é mais comum serem as mulheres a seguirem carreiras associadas a Línguas do que os homens.

Assim, em princípio, a imagem pública de um intérprete de conferência estará mais associada a uma figura feminina do que a uma masculina. Mas qual será a imagem relativamente à idade? Pressupõe-se que são os mais jovens, ou os mais experientes a desempenharem estas funções? E serão pessoas que conseguem facilmente conjugar a vida profissional com a pessoal, apesar das constantes viagens, ou mesmo mudança de país, que a profissão obriga?

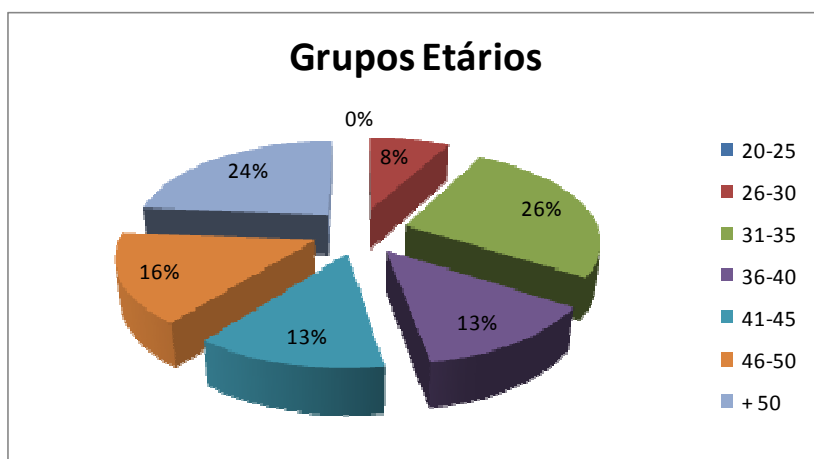


Da análise dos dados obtidos, podemos efetivamente concluir que a maioria dos profissionais são mulheres: 68% relativamente a 32% de homens.



Destes, como se pode verificar na figura acima, a maioria são intérpretes de conferência, logo seguida pelos intérpretes de acompanhamento. Na percentagem “Outros” estão abrangidos os modos de interpretação remota, a formação de intérpretes e mesmo um motorista de turismo.

Importa salientar que 32% dos participantes no questionário realizam mais do que um tipo de interpretação, incidindo maioritariamente no facto de que quem faz Interpretação de Conferência também faz Interpretação de Acompanhamento.



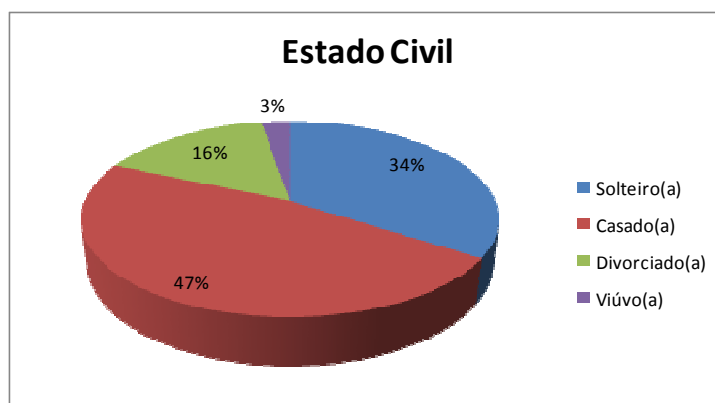
No que respeita à faixa etária, é surpreendente constatar que os mais jovens são os menos representados, ou seja, entre os 20 e 25 anos não há correspondências e entre os 26 e os 30 anos representam apenas 8% das respostas. Tal poderá dever-se a vários fatores como a aposta numa formação mais especializada e, como tal, mais prolongada ou, numa outra vertente, poderá indicar que as oportunidades de acesso à profissão estão mais limitadas. O que nos leva a questionar se será esta uma profissão não iniciada, optando os alunos já formados por outras carreiras, seja na hotelaria, no turismo, em agências de viagens, no comércio ou mesmo em companhias de aviação civil, adiando assim, ou mesmo relegando para uma outra oportunidade ou de vez, o exercício da sua formação de base, que é um dos requisitos para poder seguir uma carreira europeia?

Numa situação intermédia encontram-se as idades 36-40, 41-45 e 45-50, que apresentam percentagens de 13% para as duas primeiras e de 16% para a última. Este facto poderá ter várias explicações: desde a pouca oferta de formação superior até à recessão na procura que este curso também enfrentou e que levou ao encerramento em alguns estabelecimentos de Ensino Superior, assim como pela falta de oportunidades de emprego que provavelmente haveria na altura no nosso país e a disponibilidade, ou não, destes profissionais para investirem numa carreira no estrangeiro, nomeadamente em instâncias europeias. Também poderá suscitar a dúvida se será esta uma profissão que regista alguma desistência ou abandono. Tal aspeto não parece contudo ser confirmado pelas respostas obtidas.

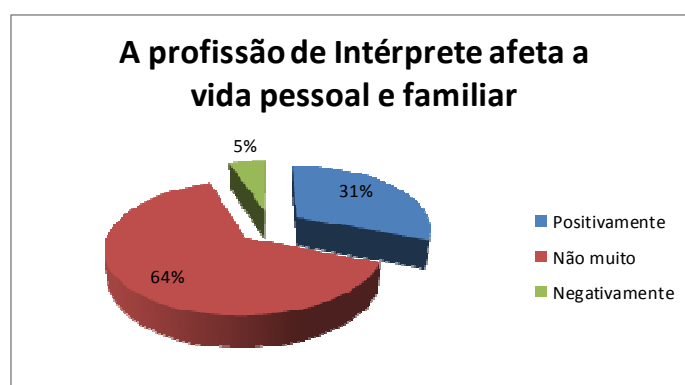
A análise deste gráfico permite-nos ainda aferir que a faixa etária mais representativa situa-se entre os 31-35 anos, logo seguida pela dos mais de 50 anos, o que faz pressupor que há uma lacuna neste intermédio. Com base na informação de que dispomos da génese da profissão até aos dias de hoje, podemos especular que esta diferença pode ser justificada pelo facto dos primeiros intérpretes não o terem sido de raiz, foram fruto de uma necessidade da conjuntura mundial política e económica que vindos das áreas de formação mais diversas eram fluentes em línguas estrangeiras ou, no mínimo, na língua materna, embora muitos tenham optado posteriormente por formação nessa área, explicando assim uma percentagem tão elevada de

intérpretes com mais de 50 anos. Não esqueçamos que, aquando da adesão de Portugal à UE possuir o domínio da língua portuguesa era uma vantagem.

O grupo mais representativo já serão intérpretes de formação que optam claramente por seguir carreira na sua formação de base, em muito potenciada pelo alargamento da União Europeia, aliciados também pela possibilidade de uma carreira estável, com boas condições de trabalho e bem remunerada.



Da observação dos dados do estado civil dos profissionais de interpretação, constatamos que predominam duas situações: a grande maioria é casada e outra percentagem bastante significativa é solteira – o que leva a pressupor que a profissão não é um entrave à vida pessoal. Destes, um número significativo de mulheres são casadas (31%) contra os 21% que se mantêm solteiras, sendo que nos homens a diferença é menos significativa: 16% casados contra 13% solteiros. Daí que não seja de admirar que a maior percentagem de divórcios sejam também femininos, 13% das mulheres contra 3% dos homens. Contudo poderemos analisar melhor esta situação na questão nº 25, em que a pergunta era se considerava que a profissão de intérprete afetava a sua vida pessoal e familiar:

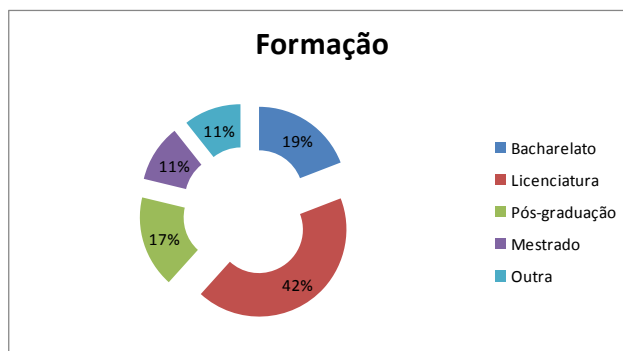


Como é evidente na quase totalidade das respostas, a profissão de intérprete não influencia a vida pessoal ou familiar mais do que qualquer outra profissão, havendo aliás uma parte

significativa, 31%, que considera mesmo que a sua profissão de intérprete influencia positivamente a sua vida pessoal e familiar.

Da Formação à Profissão

Tendo em consideração a grande percentagem de intérpretes na faixa etária de mais de 50 anos, foi com grande curiosidade que se procedeu à análise da sua formação.



Embora não haja doutoramentos na formação de base, é digno de registo que a grande maioria dos profissionais possui formação académica de nível superior, Licenciatura ou Bacharelato, com cursos frequentados em instituições públicas ou privadas, sendo que ainda uma percentagem significativa possui pós-graduação ou mesmo mestrado.

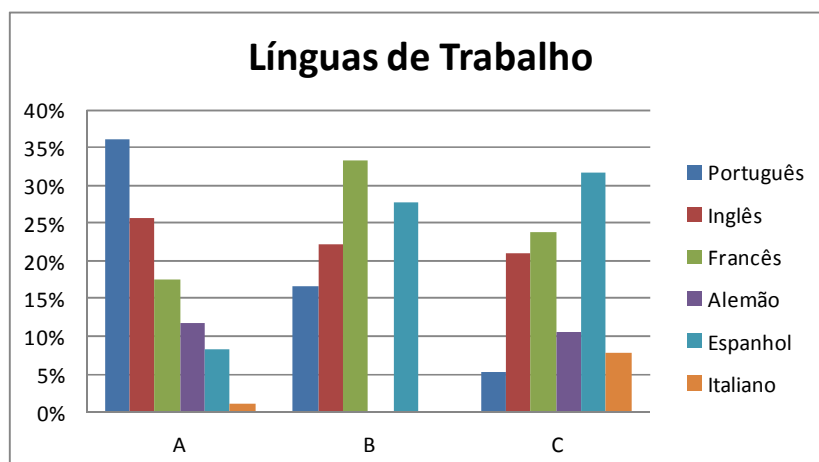
Embora 11% destes intérpretes não possuam bacharelato nem curso superior na área, frequentaram contudo outro tipo de formação, nomeadamente cursos intensivos para intérpretes, estágios na Comissão Europeia, formação avançada e cursos de línguas.

Após iniciar a carreira de intérprete, 50% dos participantes fez ainda formação profissional na área de interpretação – desde pós-graduações no ensino superior à frequência de cursos de formação proporcionadas por outras entidades reconhecidas, públicas e privadas, assim como *workshops* e formações várias no local de trabalho.

Esta informação assume ainda mais relevância se tivermos em consideração que estamos a analisar dados de pessoas que maioritariamente exercem a profissão de intérprete há mais de 10 anos (67%), havendo mesmo alguns casos há mais de vinte anos.

Na profissão de intérprete a ferramenta base é o domínio da língua materna assim como de duas ou mais línguas estrangeiras. Embora não sendo a língua mais falada no mundo, o inglês é, quase por lei, uma dessas línguas estrangeiras, não só devido às relações comerciais portuguesas mas também ao estatuto dos Estados Unidos da América como potência mundial.

Mesmo ao nível Europeu, como vimos anteriormente, os testes de acesso à carreira profissional em qualquer instituição da Comissão Europeia são obrigatoriamente em língua inglesa.



Para melhor compreender os resultados das línguas de trabalho dos intérpretes inquiridos convém relembrar os três tipos de línguas de trabalho definidos pela AIIC – Associação Internacional dos Intérpretes de Conferência (AIIC 1982: 10)⁴⁰:

- Língua A – na qual o intérprete tem um domínio perfeito, como se fosse nativo;
- Língua B – idioma que é suposto o intérprete dominar ativa e passivamente (ou seja, na retroversão e na interpretação) quase tão bem como uma língua nativa, mas que são línguas de trabalho ativas que exigem um aperfeiçoamento constante;
- Língua C – é uma língua passiva que, teoricamente, é compreendida como se de uma língua nativa se tratasse, mas que exige ser trabalhada permanentemente pelo intérprete.

Dos dados disponíveis na amostragem de que dispomos, a análise do panorama linguístico vai ao encontro do foi mencionado acima: em primeiro lugar aparece o português como língua materna, com 36%, logo seguida pela língua inglesa, 26%, e depois a francesa, com 17%, não muitos distantes dos 12% da língua alemã.

Já no que diz respeito à língua de trabalho B, ou seja, o idioma que é dominado na forma ativa e na passiva, é de notar que lidera a língua francesa (33%), logo seguida pelo espanhol (28%), o que poderá ser justificado pelo facto de muitos intérpretes terem indicado a língua inglesa como língua de trabalho A. Curioso que a língua italiana não consta nesta opção, o que significa que nenhum destes intérpretes domina esta língua ao ponto de se identificar como capaz de efetuar traduções e retroversões nesta língua.

⁴⁰ Gile, Daniel (2009). Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training. Benjamins Translation Library. Pág. 209

Relativamente à língua de trabalho C, ou seja a língua passiva, verifica-se que o domínio é da língua espanhola (32%), cabendo o segundo lugar à língua francesa (24%) seguida de perto pela língua inglesa (21%)

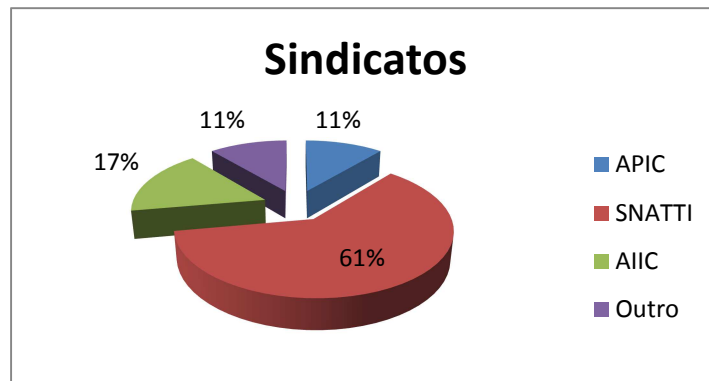
Embora as línguas estrangeiras acima identificadas sejam as tradicionalmente mais procuradas pelos portugueses, devido ao alargamento da União Europeia, mas sobretudo à conjuntura económica mundial, há cada vez mais apetência por línguas designadas exóticas, se é que lhes podemos chamar assim, em particular pelas asiáticas, sobretudo o mandarim, o russo e de outros países da Europa de Leste e do Médio Oriente.

De notar que desde sempre foi reconhecida aos portugueses a sua apetência para falar fluentemente vários idiomas, principalmente devido à riqueza do sistema fonético português que nos permite alcançar com relativa facilidade a fonética das línguas estrangeiras, mas também devido a não haver em Portugal, felizmente, tradição nas dobragens, como acontece em muitos países como Espanha, França, etc.

Neste ponto importa também analisar o tipo de entidades para quem estes intérpretes trabalham e como lá chegaram. Assim, é interessante constatar que a grande maioria (44%) trabalha em instituições privadas, sendo que apenas 29% trabalha em instituições públicas. Curioso é o pormenor do número de profissionais que exercem em ambas – 27%, ou seja, quase todos os intérpretes que trabalham em instituições públicas acumulam também com funções em instituições privadas, nem que seja em *part-time*.

Este aspeto remete-nos para uma outra questão: o tipo de vínculo profissional que estes profissionais têm em relação à entidade patronal. Assim, verificámos que apenas 8% destes profissionais têm uma relação contratual tradicional, enquanto a esmagadora maioria, 92%, exerce a profissão de intérprete em regime livre – são *freelancers*. Não é por isso surpreendente verificar que 25% destes profissionais exercem outra atividade para além da de intérprete – atividades paralelas, ou não muito, que vão desde a formação de intérpretes, passando pela docência, a administração de empresas próprias, a tradução e mesmo como Guias-Intérpretes. A sazonalidade do trabalho de intérprete poderá também justificar não só o exercício da profissão em regime livre como a procura por uma profissão ou atividade paralela.

Talvez devido a esta situação, ou mesmo por não se reconhecerem totalmente nas entidades existentes, constatou-se que a maioria destes profissionais não está sindicalizada (53%). Dos que estão (47%) há uma grande dispersão ao nível dos sindicatos, liderando o SNATTI por uma margem expressiva (61%), como é possível verificar na imagem seguinte:

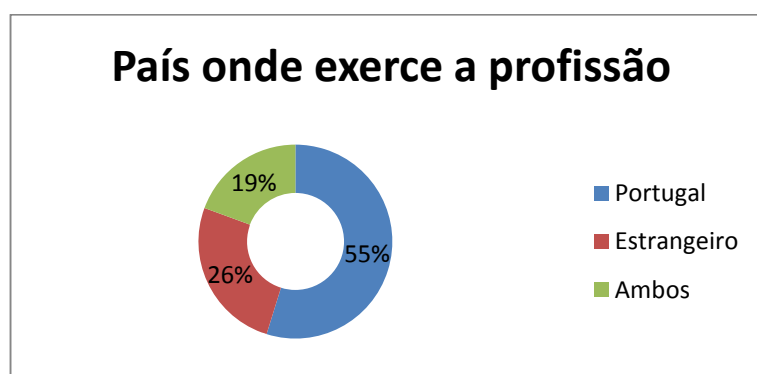


O que se pode concluir é que está em falta é um organismo forte, representativo da profissão e com o qual os profissionais se identifiquem, como a criação de uma Ordem dos Intérpretes, à semelhança do que já existe para muitas profissões, e que muita credibilidade lhes tem angariado. No entanto, importa garantir que tal entidade não comporte os riscos identificados, e com sucesso evitados, por Randolfo Santos e Silva, aquando do início do desenvolvimento da profissão de intérprete em que, usando como pretexto o reconhecimento e proteção da profissão de intérprete, o SNATTI pretendia, na realidade, alcançar uma espécie de monopólio de único fornecedor deste tipo de serviços em Portugal – sistema que representava o enclausuramento nacional dos profissionais e o fim da profissão tal como era exercida.

Mas como foi o acesso destes profissionais nas entidades onde agora exercem a sua profissão?

Por convite, talvez devido ao facto da maioria das entidades empregadoras serem privadas e a recomendação pessoal pelo reconhecimento do trabalho previamente realizado ser mais expedito nestes circuitos, foi o meio de acesso preferencial (47%), cabendo aos concursos públicos a fatia de 16% e ao destacamento apenas uns 3%. Impressionante foi o sucesso de um outro meio de acesso ao mercado de trabalho, a iniciativa própria, provavelmente por muitos destes intérpretes serem profissionais livres, que arrecadou uns expressivos 34%.

Para percebermos melhor estes dados, vejamos agora em que países exercem estes intérpretes a sua profissão:



É notória a permanência maioritária destes profissionais no país de origem contudo, e provavelmente muito devido ao facto de serem *freelancers*, o que lhes permite receber trabalho de vários clientes particulares espalhados pelo globo, há uma quantidade assinalável a exercer em ambos os locais: no país de origem e no estrangeiro.

Da amostra recolhida é possível aferir que os intérpretes não estão confinados apenas aos países europeus e às suas instituições mas incluem os Estados Unidos da América, o Canadá, África e Timor Leste.

Se analisarmos os países onde cerca de metade destes profissionais já se deslocaram em trabalho então a grelha estende-se em toda a linha, saindo das fronteiras Europeias, mesmo as mais a Norte como a Finlândia e a Dinamarca, abarcando as Américas, do Norte ao Sul, vários países Africanos e Asiáticos, o Médio Oriente e mesmo os climas tropicais como as Caraíbas ou as Seychelles. Mas se apenas metade dos profissionais constantes da amostra percorreram mundo, significa que a outra metade não teve os mesmos resultados: por opção própria ou porque, como em tudo na vida, nem todos chegam ao topo – para quem considera este aspeto como tal.

A Perspetiva dos Profissionais

Uma das questões presentes no questionário visava aferir qual a importância da profissão do ponto de vista dos intérpretes, tendo sido disponibilizadas três hipóteses: “muito importante”, “importante” ou “pouco importante”.

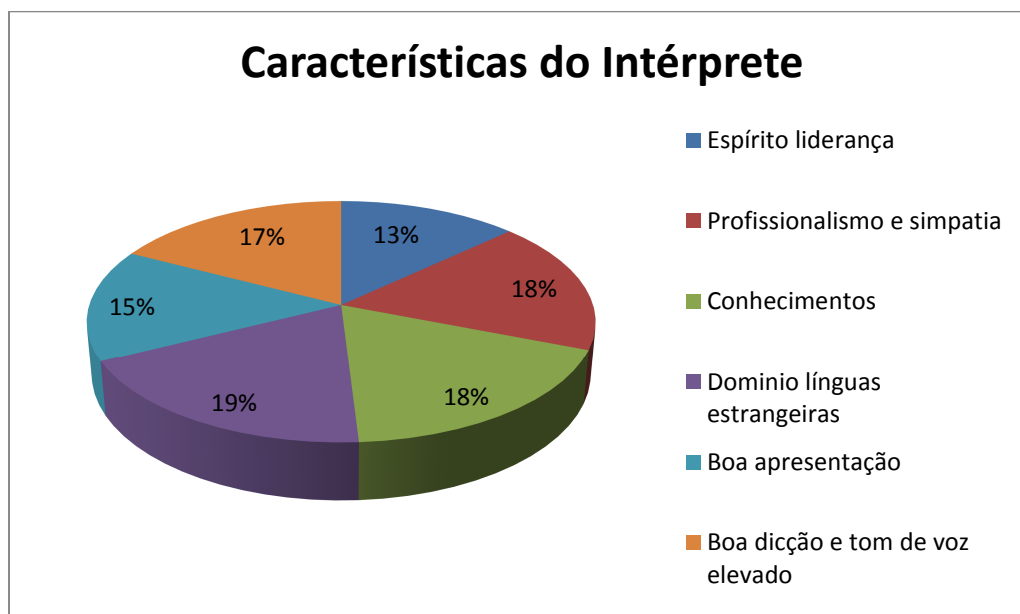
Como seria de esperar, 60% escolheu a opção “muito importante” e 37% a opção “importante”. Surpreendentes foram os 3% que optaram pela resposta “pouco importante”. Podemos especular que uma escolha de carreira foi mal feita, há algum desencantamento com a profissão, ou mesmo que fatores externos estarão ligados a esta opção.

No entanto, ao analisarmos a resposta à questão “Gosta da sua profissão?”, em que as possibilidades facultadas cingiam-se a “sim”, “pouco” ou “não”, eis que voltamos a encontrar um registo menos bom de 5% que manifestaram-se pela vertente “pouco”, contra a quase uniformidade do “sim”.

Depreendemos desta análise que há de facto uma percentagem marginal que não está satisfeita com a escolha feita, ou a profissão idealizada não está a ter correspondência na vida real. Transparece neste *feedback* um sentimento negativo para o qual contribuiu com certeza a percepção de que no mundo da interpretação, tal como nos demais, existem grandes discrepâncias de carreira.

Fatores Chave da Profissão

A pergunta nº 12 do questionário incide sobre as características que os intérpretes consideram fundamentais para o desempenho da profissão.



Embora a importância dos vários itens disponibilizados se tenha revelado quase ao mesmo nível, como era previsível, o domínio de línguas estrangeiras foi o considerado mais relevante.

Evidentemente que em primeiro lugar terá de haver um conhecimento profundo da língua materna para que a transição para uma língua estrangeira decorra com normalidade. Também já foi referida anteriormente a apetência dos portugueses para a fluência em idiomas estrangeiros, se bem que cada vez mais se opte por idiomas menos comuns ou apenas falados por minorias. Tão importante como a fluência nas línguas em questão é possuir uma grande capacidade de alternar facilmente entre dois ou mais idiomas, pois o desempenho da profissão pressupõe a escuta e rápida assimilação do conteúdo da mensagem para, tão depressa quanto possível, a passar rapidamente ao outro interlocutor.

Por vezes, mais importante do que não dar nenhum erro gramatical é a fluência das ideias e a sua expressão numa linguagem correta e compreensível, adaptada à terminologia própria do tema.

No segundo ponto encontramos dois aspetos: o profissionalismo e simpatia assim como os conhecimentos. Se o profissionalismo e simpatia são características pessoais subjacentes em todos os profissionais, independentemente da carreira que exercem, já a posse de bons conhecimentos é um fator chave em todas elas. Apesar nos depararmos com um nível de importância semelhante entre estes dois elementos, há quem defenda que o segundo – ser

detentor de bons conhecimentos – é mais importante, pois pode mesmo suprir a lacuna dos outros dois que, muitas vezes são, erradamente, atribuídos apenas a uma questão de personalidade. Numa profissão como a de intérprete, embora o profissionalismo seja um atributo importante, a simpatia é muitas vezes relegada para segundo plano, uma vez que não cabe ao intérprete o papel de cicerone mas o de assegurar uma boa comunicação entre o emissor e o recetor da mensagem, sem incluir, tanto quanto possível, o seu cunho pessoal na interpretação. Daí que um conhecimento aprofundado ao nível económico, cultural e histórico, tanto do país de origem como dos estrangeiros envolvidos, é crucial para o sucesso do trabalho, pois um erro de interpretação pode arruinar uma negociação ou uma transação. Só com uma boa bagagem de cultura geral é que o intérprete poderá efetuar eficazmente o seu trabalho e saberá compreender e interpretar corretamente certos termos e expressões.

A boa dicção e um tom de voz audível mereceram igualmente uma percentagem considerável, 17%, o que é compreensível tendo em consideração que a voz é o principal instrumento de trabalho dos intérpretes. É certo e sabido que em algumas situações, principalmente na interpretação de conferência, o intérprete dispõe de um sistema técnico que incluiu um microfone mas, de qualquer modo, é essencial optar por um tom de voz perfeitamente audível – caso contrário os ouvintes terão na mesma dificuldades em ouvir, bem como alternar o tom de voz para evitar um discurso monocórdico e, como tal inexpressivo. Outros cuidados a ter, relativamente ao uso do microfone passam pela postura – pois o microfone, regra geral, não acompanha as movimentações corporais, nomeadamente as viragens da cabeça, assim como pelo evitar de possíveis intromissões guturais, tão típicos do aquecimento das cordas vocais, como pigarrear, ou da procura da frase ou vocábulo correta, como os famosos “aaah” ou “eeeh”, ou eventuais ruídos que o rodeiam.

Relativamente à dicção propriamente dita, importa articular corretamente os fonemas, assim como ter uma pronúncia o mais aproximada possível da língua utilizada.

Por último, é imperioso respeitar as pausas equivalentes à correspondente pontuação, para evitar um discurso ininterrupto, em que os destinatários não têm tempo para assimilar e refletir no que lhes está a ser transmitido.

A boa apresentação e o espírito de liderança mereceram também uma atenção especial, 15% e 13% respetivamente, pois se o primeiro é o cartão-de-visita do intérprete, assim como de qualquer outro profissional, o segundo acaba por ser determinante quando estão a trabalhar em simultâneo vários profissionais no mesmo espaço, ou quando a interpretação é dirigida a um grupo e não apenas a um interlocutor. Mas vamos por partes:

Como em qualquer outra profissão, a boa apresentação depende sobretudo de bom senso. O intérprete deverá ter em consideração três fatores que condicionarão a sua apresentação: a

natureza da entidade empregadora, dos clientes e do serviço que vai prestar. Clientes considerados VIP's implicarão uma apresentação distinta de clientes com um orçamento reduzido, sendo certo que não deverá apresentar-se de forma mais rica e ostensiva do que os clientes.

Claro está que esta obrigatoriedade de se apresentar em consonância com os clientes que acompanha representa custos económicos para o intérprete. Será expectável que os honorários cubram estas despesas.

No que diz respeito ao espírito de liderança, e embora à partida não aparente ser uma característica essencial do intérprete, por estar mais associado à chefia de grupos, a realidade é que pode revelar-se um fator chave para o sucesso na carreira.

Importa assim analisar o que significa ter espírito de liderança e como se pode refletir na profissão de intérprete.

Ter espírito de liderança implica ser autoconfiante, ser capaz e ter gosto por tomar decisões, manter a calma em situações menos comuns, ter facilidade de comunicação e autocontrolo suficientes para evitar ou sanar conflitos, sendo capaz de se fazer ouvir sem que para isso precise levantar a voz, basicamente, como tão bem descreveram J.M. Carvalho-Oliveira e J. Cymbron, no trabalho "Ser Guia-Intérprete em Portugal"⁴¹, saber "*comandar sem mandar*", bem como ser honesto – o que acontece frequentemente aos intérpretes no exercício da sua profissão, quer por se depararem com situações muitas vez inesperadas porque a informação que lhes passaram não corresponde à realidade, quer pela necessidade de, em segundos, terem de decidir o que fazer quando o equipamento avaria ou apresenta problemas, quando não "apanham" ou não se recordam da tradução de algum vocábulo e vêm-se forçados a improvisar; quando os interlocutores estão exaltados ou transmitem mensagens menos abonatórias e cabe ao intérprete o papel de moderador e a isenção de não tomar partido independentemente da sua opinião ou crença pessoal. Embora, como qualquer outro ser humano, o intérprete assimila a realidade de acordo com a sua bagagem social, o que leva a pensar que dificilmente seja isento, como afirmou Claudia V. Angelelli:

*"Like any other human being, they perceive reality through their own social lenses. It is therefore problematic to believe that an interpreter, as an individual who brings the self to the interactions, can be truly neutral."*⁴²

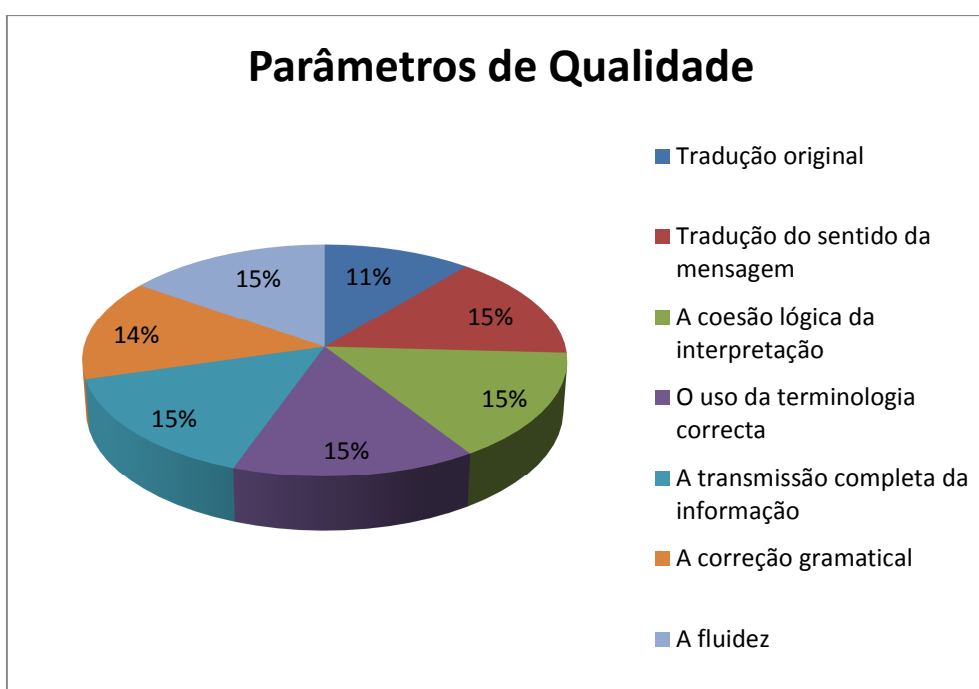
Esta capacidade de liderança também é necessária quando estão em simultâneo vários intérpretes no mesmo espaço. Em suma, há todo um role de situações que exigem que os intérpretes assumam como atributo seu o espírito de liderança.

⁴¹ Carvalho-Oliveira, J.M.; Cymbron, J. Ser Guia-Intérprete em Portugal. Departamento de Turismo do Instituto Superior de Novas Profissões. Pág. 104

⁴² Angelelli, Claudia V. (2004) Revisiting the interpreter's role. A study of conference, court and medical interpreters in Canada, Mexico, and the United States. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Pág.2

Todas estas características permitem ao intérprete desenvolver a sua atividade com rapidez, eficácia, rigor e precisão de pensamento e de ação. Contudo, os testemunhos que reunimos acrescentaram outros fatores que consideramos cruciais para um bom desempenho como uma permanente atualização, muito empenho e dedicação, discrição e humildade, capacidade de adaptação às situações mais diversas, organização e poder de síntese.

Após a análise das características fundamentais para o desempenho da profissão de intérprete, vejamos agora quais os parâmetros de qualidade que, de acordo com a amostra recolhida, se devem reger estes profissionais.



É curioso verificar que a relevância atribuída aos fatores disponibilizados foi quase idêntica, sendo apenas um pouco menos valorizada a tradução original da mensagem, o que faz sentido, uma vez que na interpretação o mais importante é transmitir rápida e corretamente a mensagem e não fazer a tradução literal da mensagem do emissor para o recetor.⁴³

Digno de registo é também o facto de os inquiridos não terem acrescentado muito mais a estas opções, o que significa que as reconheceram como válidas e suficientemente abrangentes da profissão que abraçaram, reiterando apenas alguns dos valores que devem respeitar como a honestidade, a calma, a flexibilidade e o bom senso. Em suma, os parâmetros de qualidade

⁴³ Confronte-se estes resultados com os que foram obtidos em 1986 por Bühler, citado por Pochhacker (2013) "In a pioneering effort, Bühler (1986) surveyed members of AIIC about the criteria they presumably applied when assessing the quality of an interpreter and his or her performance. For this purpose she drew up a list of 16 criteria, distinguishing between linguistic-semantic and extra-linguistic factors. The former included "native accent", "fluency of delivery", "logical cohesion of utterance", "sense consistency with original message", "completeness of interpretation", "correct grammatical usage", "use of correct terminology" and "use of appropriate style", and the latter "pleasant voice", "thorough preparation of conference documents", "endurance", "poise", "pleasant appearance", "reliability", "ability to work in a team" and "positive feedback of delegates".

não só estão em consonância como são o resultado lógico das características base de um intérprete.

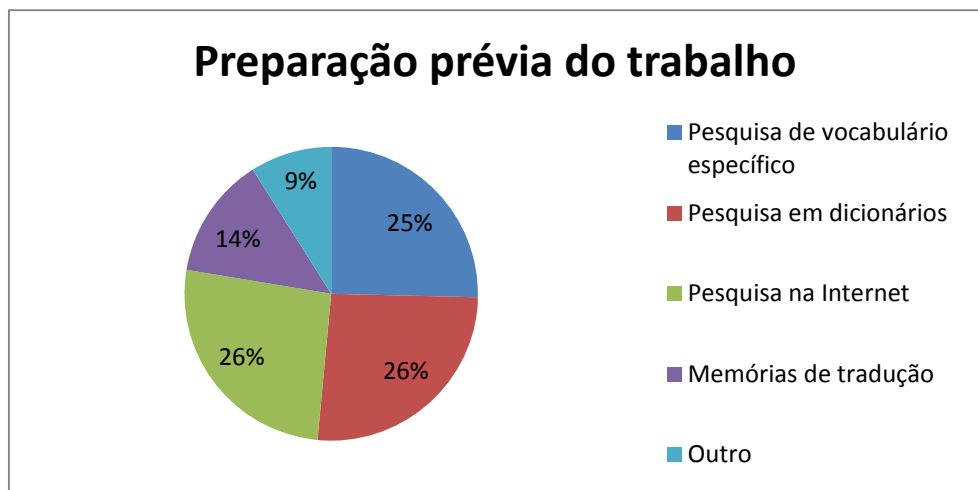
Apresentamos igualmente uma tabela comparativa dos parâmetros de qualidade elencados pelos dois inquéritos mais relevantes publicados nesta área. Trata-se do estudo de Della Chiaro e Nocella (2004) e o estudo seminal de Bühler (1986) que apontam as seguintes características de qualidade como sendo as mais destacadas pelos intérpretes (por ordem de importância):

Chiaro & Nocella (2004)	Bühler (1986)
1. consistency with the original	sense consistency with original message
1. completeness of information	logical cohesion of utterance
3. logical cohesion	use of correct terminology
4. fluency of delivery	fluency of delivery
5. correct grammatical usage	correct grammatical usage
6. correct terminology	completeness of interpretation
7. appropriate style	pleasant voice
8. pleasant voice	native accent
9. native accent	appropriate style

Tabela comparativa do ranking dos critérios de qualidade

Identificadas e compreendidas as características e os parâmetros de qualidade que regem a profissão de intérprete, interessa agora apurar como se preparam estes profissionais para o desempenho do seu trabalho.

Para uma melhor visualização, ilustrou-se as opções escolhidas no gráfico infra:



Como seria de esperar, a maioria dos profissionais recorre às formas mais rápidas, completas e seguras de recolher informação, como a internet e os dicionários – daí que haja um empate entre estas duas opções (26%). Contudo, e como é aconselhável e habitual facultarem com antecedência a informação aos intérpretes, a pesquisa de vocabulário específico vem logo a seguir com 25%.

Evidente, através deste gráfico, é a pouca utilização das memórias de tradução (14%), o que é compreensível, tendo em consideração não só a diversidade dos temas como o pouco tempo de que muitas vezes dispõem para pesquisa de auxiliares.

Na opção “Outro”, que reuniu apenas 9% das escolhas, podemos encontrar referências tão dispersas como livros da especialidade, informação complementar fornecida pelo cliente, glossários, consulta a organismos oficiais ou privados que estejam relacionados ou a órgãos de comunicação social, visitas a locais específicos ou cursos de formação, e, talvez o mais significativo, recurso a colegas.

Também há os que defendem que por vezes não há tempo para a preparação prévia do trabalho por não receberem a informação antecipadamente pelo que, nestes casos, impera a calma e a rapidez de raciocínio com vista à improvisação, com base nos conhecimentos que detêm.

É o assumir de que, como nas outras profissões, também a de intérprete tem os seus problemas. E não se pense que são poucos!

Problemas mais relevantes na Profissão



A análise dos resultados do questionário revela-se verdadeiramente surpreendente, ou se calhar, dada a atual conjuntura mundial, nem tanto, ao colocar quase ao mesmo nível um vasto leque de problemas, liderados pela remuneração (13%), logo seguida pelas lacunas na preparação académica, a insegurança no trabalho e o mercado cinzento (12%). Quase ao mesmo nível está a sazonalidade do trabalho (11%) e, com uma diferença mínima (10%), a falta de proteção social, o excesso de profissionais, os horários e a falta de ética entre colegas.

Esta equiparação entre os diversos fatores pode também ser justificada pela sua interligação, isto é, pela relação causa-efeito entre eles. Ou seja, cada um destes problemas justifica-se pela existência dos demais, uns originam os outros. Esta teoria será justificada na análise deste gráfico.

Algumas das respostas anteriormente tratadas já davam indícios de que nem tudo estaria bem na profissão e a verdade, como se diz na gíria popular, é que nem tudo são rosas... e, neste caso, abundam os espinhos!

De notar que o aspeto mais negativo, do meu ponto de vista, é uma percentagem tão elevada (10%) atribuída a lacunas na formação académica. Se os primeiros intérpretes eram formados "na tarimba", ou seja, através da prática, acompanhados por colegas mais experientes, mais tarde criaram-se cursos próprios e, nestes, sempre houve, e acredito que continua a haver, bons cursos de interpretação mas, como é evidente compete aos finalistas darem seguimento

à formação que receberam, através do aprofundamento e melhoramento das ferramentas que lhes são dadas, de forma a tornarem-se profissionais de excelência. Não é por acaso que a apetência para a profissão continua a ser um dos aspetos mais valorizados. É certo e sabido que não poderemos todos ser a “referência” numa determinada área mas, mesmo assim, devemos tentar sempre esforçarmo-nos para alcançar a perfeição, para darmos o nosso melhor. A este respeito importa referir que uma das críticas feitas à formação, inclusivamente à ministrada no ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, prende-se com o facto do curso não se destinar exclusivamente à interpretação mas também à tradução, causando confusão e mistura de duas áreas distintas.

Ora, acontece que tal situação é mais do que justificada. Se por um lado são cada vez menos os alunos a optarem por esta formação, obrigando os estabelecimentos de ensino superior a desenvolver estratégias de captação de alunos nacionais e estrangeiros, tendo para isso de ajustar/modernizar a oferta, também não é menos verdade que a formação tem de ser adaptada à realidade do mercado de trabalho – logo tem de ser mais abrangente para permitir aos alunos terem opções de carreira no final do curso, uma vez que o mercado de intérpretes em Portugal é limitado, de difícil acesso, com excesso de profissionais (de acordo com as resposta obtidas) e a própria UE começa a ficar lotada de profissionais. Adicionando estes aspetos ao facto de quase todos os profissionais terem uma segunda, ou mesmo primeira, atividade é fácil perceber que uma formação exclusivamente dirigida à interpretação estaria destinada ao fracasso e os alunos ao desemprego, pelo menos na sua área de formação. A formação de base apenas trata de munir os alunos com a bagagem necessária para se tornarem bons profissionais, numa ou mais áreas abrangidas pela formação e, posteriormente, compete a cada um pegar nessas ferramentas, trabalhá-las e aperfeiçoá-las de forma a tornarem-se profissionais de referência. Como dizia Albert Einstein “*O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário*”. E se usarmos o exemplo do ISCAP, constatámos que é mais um exemplo desta teoria, ou seja, a união da tradução e da interpretação num só curso vai de encontro às necessidades do mercado e dos próprios profissionais, uma vez que a grande maioria acumula a atividade de intérprete com a de tradutor, entre outras, visto ser praticamente impossível à maioria viver apenas do trabalho de interpretação. Mais, uma das características chave dos intérpretes é o conhecimento aprofundado das línguas de trabalho o que, logo à partida, é também um dos requisitos de um bom tradutor.

Recordemos aqui a posição assumida por Randolpho Santos e Silva, já anteriormente referida, ao defender que não valia a pena a “produção” de um grande número de intérpretes de conferência, que seriam desempregados em força, argumentando que seria preferível encorajar os candidatos dotados a inscreverem-se em centros de formação reputados.

Ainda neste capítulo da formação, e que também se aplica noutros acima identificados – justificando a interligação entre os vários problemas identificados nesta profissão, podemos ressaltar a ausência de um estatuto permanente de intérprete ajuramentado (assim como do tradutor), já prática corrente na maioria dos países da EU, pela não transposição para a legislação nacional da Diretiva 2010/64/EU do Parlamento Europeu e do Conselho, de 20 de Outubro de 2010, relativa ao direito à interpretação e à tradução nos processos penais. A transposição de uma norma como esta permitiria reconhecer não só a formação como valorizar a profissão de intérprete, credibilizando-a aos olhos dos seus congéneres europeus. Nos Estados Unidos da América, apesar de ainda não haver um exame acreditado para os intérpretes de conferência, existe um procedimento que avalia a experiência em termos do tempo de trabalho e das recomendações dos seus pares. Em contrapartida, para os intérpretes judiciais existem diversas certificações, quer a nível estadual quer a nível federal.⁴⁴

Relativamente à questão da remuneração já tinha sido perceptível que ficava aquém do considerado ideal, tanto mais que na sua maioria, como vimos anteriormente, quase todos os profissionais abraçam uma segunda profissão ou, pelo menos, diversificam a sua área de atuação.

Várias questões poderão estar na origem deste problema, verificando-se novamente a interligação já referida: o excesso de profissionais poderá ser uma das razões da baixa remuneração, pois de acordo com o princípio básico da economia o preço é calculado com base na relação entre a oferta e a procura. Assim, se a oferta é superior à procura, então o preço tende a baixar. Neste ponto temos ainda de considerar os não-profissionais, que contribuem para baixar o valor dos honorários, assim como o chamado “mercado cinzento” – outros dos problemas identificados pelos intérpretes, que mais não são do que profissionais que não declaram os rendimentos, escusando-se por isso ao pagamento dos respetivos impostos e podendo, assim, cobrar valores inferiores aos demais, contribuindo para o decréscimo da remuneração. A sazonalidade do trabalho poderá ser outro dos fatores. O impacto da crise económica e social que já dura há alguns anos a esta parte é também significativo para a desvalorização económica da profissão. A questão já mencionada da inexistência de uma ordem profissional poderia ajudar a valorizar a profissão ao estabelecer uma tabela mínima dos valores a cobrar pelos serviços de um intérprete.

Uma das outras críticas apontadas nestes resultados prende-se precisamente com o excesso de profissionais. O mercado da interpretação é livre e, como já referido, não-regulamentado, o que permite o exercício da atividade de intérprete a qualquer indivíduo sem qualificação apropriada e tende a encorajar a atividade de algumas entidades menos escrupulosas que recorrem a amadores cuja competência profissional é, no mínimo, duvidosa. Assim, tentados

⁴⁴ Angelelli, Claudia V. (2004) Revisiting the interpreter's role. A study of conference, court and medical interpreters in Canada, Mexico, and the United States. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Pág. 12

por orçamentos mais baixos, muitos organizadores de eventos acabam por sair prejudicados, tal como a classe profissional e a própria profissão.

Daniel Gile⁴⁵ identificou este mesmo problema ao afirmar que existem muitos autoproclamados intérpretes e tradutores cujo nível de performance é muito reduzido: desde as secretárias bilingues que fazem muito do trabalho de interpretação e tradução até aos leigos que não estão em posição, nem pretendem estar, de ver e perceber a diferença entre estes e os profissionais devidamente reconhecidos. A situação agrava-se quando o comum do cidadão e mesmo muitos dos clientes dos serviços de interpretação de conferência não conseguem distinguir claramente tradução de interpretação.

Ao equacionar a situação por esta perspetiva temos forçosamente de reiterar que só a criação de uma certificação profissional oficial no nosso país para a profissão de intérprete, a partir da referida Diretiva Europeia, será garantia de idoneidade. Enquanto tal não acontece, a única forma de assegurar, à partida, a qualidade do serviço de interpretação é recorrer a profissionais qualificados, inscritos nas diversas associações profissionais. Claro está que a criação de uma ordem profissional poderia agregar todos os profissionais dispersos pelas várias associações, ganhando assim maior poder de negociação e reivindicação para regular e proteger quer os requisitos fundamentais destes profissionais e da própria profissão.

Não nos podemos esquecer, contudo, que a desumanização da profissão, causada pelo desenvolvimento das tecnologias – nomeadamente o *Skype Translator*, que está para a interpretação como o *Google translator* para a tradução, tem um impacto considerável neste problema do excesso de profissionais. Relacionada está igualmente a crise económica mundial que “obriga” muitas vezes as empresas a socorrerem-se da designada “prata da casa”, isto é, se tiverem funcionários que dominem minimamente o idioma do interlocutor atribuem-lhe a função de intérprete. E não são só as empresas que se ressentem. Os organismos públicos foram os primeiros a tentar reduzir a despesa, impulsionados pelo Governo por pressão dos parceiros europeus. A própria UE viu-se forçada a cortar na despesa, racionalizando os recursos existentes e limitando a entrada de novos. Mesmo o alargamento da UE a mais países, o que implica novas línguas e também novos intérpretes, a isso obrigou. Embora seja o maior empregador mundial de intérpretes, a UE é também o maior recrutador de *freelancers*.

A sazonalidade do trabalho, por sua vez, pode ser explicada pelas várias razões até agora enumeradas, mas também pelo facto de a profissão de intérprete estar muitas vezes associada, principalmente no setor privado, a áreas e/ou eventos com uma calendarização própria e não com carácter permanente, como o turismo, um mercado em franco crescimento em Portugal, principalmente no Norte, mas que também tem o seu pico nos meses de

⁴⁵ Gile, Daniel (2009). Basic Concepts and Models for Interpreting and Translator Training. Bejamins Translation Library. Pág. 2

Primavera e de Verão, ou a realização de feiras, congressos e conferências. Por sua vez, poderá ser a causa de outros dos problemas identificados.

Todos os elementos acima mencionados contribuirão para os outros problemas restantes, como a insegurança do trabalho, a falta de proteção social, os horários e a falta de ética entre colegas.

Quando os PCOs (*Professional Congress Organizers*) apenas valorizam o lucro e não a qualidade da interpretação adjudicam o serviço pelo preço mais baixo, sabendo à partida que a qualidade não está garantida, ou recorrem ao chamado “mercado cinzento”.

Os horários praticados também excedem muitas vezes o tempo recomendado, provavelmente em parte também devido à sazonalidade do trabalho, ou à concorrência desleal ou mesmo pelo facto dos profissionais pretenderem assumir o máximo de serviços possível, pelo que não admira que seja um dos pontos focados neste item.

Certo é que nestas condições torna-se muito difícil fazer carreira na profissão, daí que a maioria dos intérpretes o faça em regime livre, razão pela qual a insegurança do trabalho é grande, uma vez que não há um vínculo estável. Por norma, os descontos ficam a cargo dos próprios, o que significa que se não recebem também não descontam ou optam pelo regime mínimo, privando-se, ou quase, da proteção social, agravando a sua precariedade.

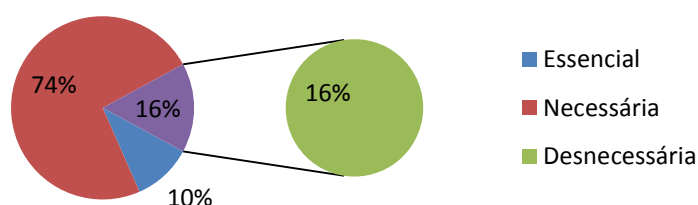
Tal precariedade e escassez de trabalho tornam o mercado ainda mais competitivo mas de um modo algo degradante porque acaba por não ser uma competição saudável entre dois profissionais devidamente qualificados, o que origina algum desconforto e descontentamento, dando origem às acusações de falta de ética.

De notar que no campo disponibilizado para acrescentar algum outro tipo de problemas apenas foram reiterados os já mencionados, nomeadamente a falta de um estatuto permanente da profissão e a concorrência desleal.

Por último, de referir que foi deixada uma dica útil, informando que o Canadá, mercê do peso do governo e o facto de existirem duas línguas oficiais, é dos melhores mercados de trabalho para Intérpretes.

Tendo em consideração a informação até agora recolhida, importa perceber, afinal, qual é a imagem que os intérpretes pensam que o mercado de trabalho tem da profissão.

Imagem que o mercado de trabalho tem da profissão - Ótica do Intérprete



Realista ou depreciativa, a verdade é que apenas 10% dos intérpretes acreditam que o mercado de trabalho vê a sua profissão como essencial, e uma percentagem ainda mais elevada (16%) acredita mesmo que a sua profissão é vista como desnecessária.

Talvez toda a conjuntura anterior explique estas opiniões, mas a realidade é que a grande maioria dos intérpretes (74%) acredita que para o mercado a sua profissão é apenas uma necessidade.

Assim, abordados para revelarem se receiam a entrada de intérpretes estrangeiros da UE no mercado português, 31% disse que sim, contra os 32% que afirmaram não muito e os 37% que negaram sentirem-se ameaçados por esses possíveis novos concorrentes.

Anteriormente, vimos que a remuneração, no caso específico os baixos honorários constituía um dos problemas da profissão.

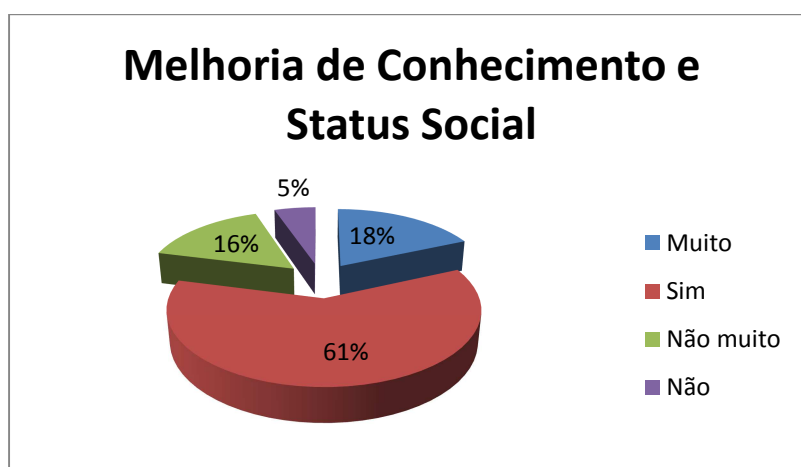
No entanto, questionados se consideravam a profissão compensadora materialmente apenas 19% respondeu que pouco, enquanto 68% responderam consideravam que sim. Registe-se que não houve respostas negativas, tendo havido mesmo 13% que consideraram a profissão muito compensadora materialmente, o que leva a supor que serão os profissionais com uma carreira estável, provavelmente com muitos anos de profissão ou que se revelaram uma referência no setor e, por isso, sentem-se devidamente recompensados pelos clientes ou pela entidade empregadora. Este pormenor pode igualmente indicar que, apesar de todos os condicionalismos, materialmente a profissão de intérprete continua a ser valorizada.

Se compararmos estes resultados com os de outros inquéritos, nomeadamente o de Neff (2006)⁴⁶, parece que a satisfação geral com a profissão tende a manter-se:

⁴⁶ Neff, Jacquy (2006) A Statistical Portrait of AIIC: 2005-06. www.aiic.net/ViewPage.cfm/article2127.htm, acedido em Outubro.2015

“Overall job satisfaction levels were again very high in 2005 and 2006. 83% / 76.8% of all interpreters (77.6% / 76.6% of freelance interpreters and 75.7% / 81.2% of staff interpreters) declared themselves highly (= high and very high) satisfied with their work. Satisfaction increased in step with the workload, but the satisfaction threshold clearly depended on the respondents' main market.”

Esta opinião é reforçada quando aliada à obtida com a pergunta se a profissão de intérprete permitiu melhorar os conhecimentos e elevar o *status* social, uma vez que 61% respondeu afirmativamente, com 18% a considerar mesmo que muito, enquanto 16% optaram pelo opção não muito e apenas 5% responderam que não, como se pode observar no quadro seguinte:



Por último, tentou-se apurar durante quantos anos tencionavam ainda os participantes exercer a profissão de intérprete. As respostas obtidas excederam as previsões mais otimistas:



Apesar de todos os altos e baixos, contrariando todas as adversidades, a maioria destes profissionais (64%) responde com números de dois dígitos.

Curiosidades

No questionário em análise, e com caráter facultativo, pediu-se ainda aos inquiridos para partilharem algumas opiniões pessoais. Uma dessas opiniões dizia respeito ao que pensavam ser o que mais agradava e desagradava a quem visitava Portugal.

Em relação ao que é mais do agrado de quem nos visita contabiliza-se o clima, a riqueza cultural e gastronómica, a qualidade do trabalho, os baixos preços, a limpeza e, sobretudo a hospitalidade.

Do lado menos bom, ou seja, o que mais desagrada, encontra-se a degradação do património, o grande número de intérpretes não profissionais e correspondente falta de fiscalização e, o mais referido, a burocracia/desorganização e a falta de pontualidade, inclusivamente no tempo de intervenção dos oradores portugueses.

Numa segunda solicitação era pedida uma caracterização dos estrangeiros que nos visitam. Os contributos permitiram tirar as seguintes ilações:

Inglêses – habitualmente considerados frios e altivos, também se podem revelar simpáticos e afáveis. Contudo, são vistos como muito formais, educados e profissionais, sendo também muito exigentes e práticos. Apesar de cumpridores, revelam-se muito atentos, interessados e, por vezes, divertidos, aparentando uma certa superioridade.

Franceses – de feitio totalmente oposto aos ingleses, são considerados indisciplinados, arrogantes e mesmo forretas. Embora pouco modestos, são rápidos a emitir juízos de valor e tentam impor a sua língua, revelam-se cultos e interessados.

Espanhóis – mais próximo do estereótipo português, são considerados eficientes, mais acessíveis, agradáveis e comunicadores. No entanto, também são vistos como impacientes, desobedientes, menos exigentes, alegres e barulhentos. Os habitantes na Galiza e na Catalunha são considerados amigos, ao passo que os residentes em Castela e na Andaluzia são vistos como desconfiados.

Italianos – Com o sangue latino como principal catalisador, são considerados imprevisíveis, simpáticos, comunicativos, menos exigentes e mesmo desorganizados.

Alemães – a eficiência e o rigor alemães são há muito apregoados, sendo igualmente caracterizados como arrogantes, frios, competentes, práticos e exigentes mas também interessados e, por vezes, simpáticos e acessíveis.

Nórdicos – apresentando um civismo exemplar, são vistos como exigentes, frios e interessados, contudo também muito abertos.

Americanos – são considerados interessados, profissionais, simpáticos, bem-dispostos e com sentido de humor. Por outro lado, também os descrevem como frívolos, arrogantes e egocêntricos.

Asiáticos – vistos de um modo geral como problemáticos, frios, exigentes e competentes importa distinguir duas nacionalidades distintas: os Japoneses, considerados respeitados e mais afáveis, e os Chineses, mais desinteressados. Contudo ambos são vistos como corteses e pacíficos.

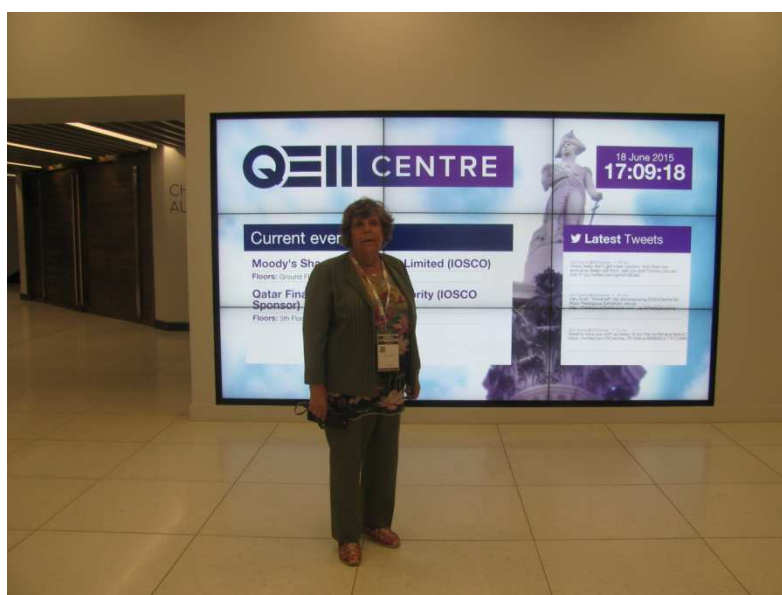
Por último, foi pedido que relatassem um ou mais episódios vividos no exercício da sua profissão que, pelo seu caráter pedagógico, caricato ou pitoresco se tivessem tornado inesquecíveis. Os contributos foram diversos, dos mais hilariantes aos mais sérios, que passamos a transcrever:

- “Levar uma mini TV portátil para uma Conferência de Busca e Resgate (militares de forças aéreas das Américas) que teve lugar durante um Mundial de Futebol, e intercalar com interpretação simultânea os resultados do futebol, para alegria dos militares brasileiros....”;
- “Uma cliente analfabeta que me pede para marcar no mapa o percurso que efetuou comigo, para assim poder mostrar à família os sítios que visitou”;
- “Fui durante 8 dias guia e intérprete de um Senhor invisual americano em Portugal, expliquei tudo o que via, bem como as pessoas que nos rodeavam, a comida, o quarto onde dormia, a forma como as pessoas se vestiam, tocava em tudo que podia, etc...”;
- “Numa Conferência técnica sobre manutenção de postes de alta tensão, estava prevista uma apresentação por um conferencista japonês. No intervalo tive oportunidade de o abordar e pedir cópia da comunicação. Com muita dificuldade, deu a entender que não tinha documento escrito. A sua apresentação, ilustrada com muitos slides, mostrava um robot e as suas potencialidades. O seu Inglês era absolutamente incompreensível. Vi-me perante um dilema - desligar o microfone porque era incapaz compreender e transmitir a mensagem, o que significaria seguramente uma humilhação para o orador, ou redobrar a concentração e procurar fazer frases com sentido a partir de uma palavra compreendida aqui e ali. Respirei fundo, considerei que por muito pouco que conseguisse compreender, compreendia mais do que a maior parte dos participantes, e optei pela

segunda hipótese. Ao contrário da regra de ouro "*when in doubt leave it out*", inventei um discurso com base nas imagens e nas poucas palavras que reconhecia”;

- Como Guia Intérprete num *transfer* do porto até ao centro do Funchal um americano diz para tirar a cabeça da frente para ele ver a paisagem”;
- “Um austríaco acusou a Guia por ela não o ter informado para não comprar um kg de tomates por 25 Euros na praça, quando afinal no supermercado custava 5 Euros... O cliente foi questionado: compraria 1 kg de tomates na Áustria por 25 Euros? Não! Então porque o fez em Portugal?”;
- “Os visitantes julgam que sabemos sempre tudo, e pior ainda é quando acham que temos a obrigação de sabermos tudo. Um dia estava na Serra e uma francesa perguntou-me que pedra era aquela que tinha na mão. Eu vi que era clara mas disse que não sabia o nome, e a resposta foi: "és daqui e Não conheces?!". Bom, seguimos viagem, quando ouvimos gritos. Apanhámos um susto tão grande que pensávamos que alguém se estava a sentir mal e parámos o autocarro. Quando fomos ver o que era, era a tal "pedra" que afinal desfez-se e era estrume de vaca seco. Aí eu respondi: está a ver porque é que eu Não conhecia? Rimos todos”;
- “Numa reunião organizada pela Presidência Portuguesa sobre o multilinguismo, com 4 cabinas, em que os oradores preferiram falar Inglês, acabando por dispensar os Intérpretes”;
- “O comentário de um conhecido que me apresentou como "um verdadeiro troglodita" quando queria dizer "um verdadeiro poliglota””;
- “Clientes que acham que sabem o que é o trabalho de um Intérprete de Conferência e ficam surpreendidos quando ouvem um profissional a trabalhar”;
- “Uma vez num congresso de suinicultura (no início da profissão) referi-me aos porcos como 'os meus colegas porquinhos' talvez por ter feito uma tradução demasiado literal”.

Capítulo IV – Um Testemunho na Primeira Pessoa



Maria Santa Carneiro Vieira Montez

(foto cedida pela própria)

Maria Santa Carneiro Vieira Montez, uma das primeiras intérpretes portuguesas, associada e fundadora da APIC – Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência, aceitou relatar na primeira pessoa a sua experiência como Intérprete de Conferência, começando por explicar como acedeu à profissão, abordando a mesma desde o seu início até aos dias de hoje, identificando as principais dificuldades e desafios, bem como as diferenças mais significativas:

Iniciou a profissão de Intérprete de Conferência em 1979 em Lisboa. Nesta altura já era tradutora e também tinha sido intérprete numa embaixada em Portugal. Possuía uma Licenciatura em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras de Lisboa e, mais tarde, fez o Mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, na Universidade Nova de Lisboa, onde, posteriormente, o Doutoramento em Semiótica da Interpretação de Conferência - Línguas, Culturas e Literaturas.

“Quando, em 1979, me deram a oportunidade de começar a trabalhar como Intérprete de Conferência existiam em Portugal cerca de 14 profissionais – 8 dos quais membros-associados da AIIC, sob orientação de Randolpho Santos Silva e mais 6 “pioneiros” lançados pela D. Maria Fernanda Sousa Coutinho, da AIP (Assistentes Intérpretes de Portugal), com sede na Avenida da República, em Lisboa, entre os quais se contavam a Ana Sofia Azinhais Mendes (conhecida por Nicha e infelizmente falecida em 2007), o Manuel Sant’lago Ribeiro (atualmente no SNATTI), a Vera Curriel, a Doina Zugravescu e mais dois outros nomes dos quais já não me recordo.



Manuel Sant'ago Ribeiro
(Fonte: <https://www.linkedin.com/profile/view?id>)

Foi-me dada a oportunidade de trabalhar em cabina francesa com a Vera Curriel, numa conferência no Estoril, da Juventude Centrista, que teve como oradores Adelino Amaro da Costa, entre outros.

Como a minha prestação decorreu bem e foi apreciada, passei a ter mais propostas de trabalho – e assim comecei como Intérprete de Conferência em interpretação simultânea em Portugal. Dediquei-me também ao estudo da Teoria da Interpretação.

Poucos anos mais tarde passei a organizar e coordenar equipas de intérpretes a pedido de diversas instituições públicas e privadas. Nunca parei – pelo contrário, fui sempre aumentando a minha carteira de clientes organizadores de conferências e organizando pequenas e grandes equipas, com diversos idiomas e cabinas, em Portugal e no estrangeiro: na Europa, em África, na Ásia e mesmo no Extremo Oriente.

Estive em contacto direto com muitas personalidades do mundo da política (Clinton, John Major, Giscard d'Esting, Jacques Chirac, Jacques Santer, J. Delors, Mário Soares, entre muitos outros), da ciência (Noham Chomsky, por exemplo), da medicina (Prof. Fourtanier, por exemplo), do comércio, da indústria, da tecnologia, da banca e da economia, do direito, dos sindicatos, das associações profissionais, das organizações internacionais.

Passei a colaborar e a organizar Formação de Intérpretes de Conferência em Portugal e também em Macau e no Vietname (pós-graduação).

Publiquei alguns trabalhos sobre Técnicas de Interpretação de Conferência:

- “Método de Toma de Notas em Tetracolumna en Interpretacion Consecutiva” in – Sendebarr, Num. 13 – 2002, Universidade de Granada;
- Manual de Técnicas de Interpretação de Conferência” in – CPR, Lisboa, 2006.

Continuo a colaborar na formação e Intérpretes de Conferência com diversas organizações e também a nível académico.

A atividade profissional do Intérprete de Conferência tem conhecido em Portugal uma redução desde o ano 2000 – devido à internacionalização do inglês como língua franca, resultando na diminuição do número de reuniões internacionais com interpretação.

Neste contexto, e em relação à data em que iniciei a minha profissão de Intérprete de Conferência, 1978, noto as seguintes diferenças:

- Menos trabalho em Portugal, visto entretanto o Inglês se assumir cada vez mais como “língua franca” e daí que em muitas das reuniões internacionais já se dispense a interpretação;
- Mais intérpretes no mercado em Portugal – quando iniciei éramos em todo o País cerca de 20 intérpretes e hoje em dia, além dos intérpretes profissionais e membros das Associações profissionais - APIC e AIIC - há muitas pessoas que experimentam a interpretação;
- Em Portugal a Interpretação concentra-se principalmente no Português, Inglês e Espanhol - muito menos no Francês e alguma necessidade de Alemão, mas muito menos do que anteriormente;
- Conferências e Seminários que nos anos 80 e 90 duravam por vezes uma semana, hoje em dia concentram-se apenas em 1 ou 2 dias! Temos muitas reuniões de apenas meio-dia, ou por vezes é-nos até solicitada interpretação apenas para traduzir um orador no contexto de uma Reunião Internacional;
- Conheço o *Skype Translator* mas não experimentei ainda - será mais útil para situações à distância;
- Há mais salas equipadas com cabinas mas continua a ser necessário recorrer a cabinas montadas para o momento;
- Muitos organizadores continuam a não entender a razão por que temos de trabalhar em equipas de 2 intérpretes, revezando-nos cada meia hora. Por vezes propõem mesmo que se aceitem trabalhos com 1 só intérprete para interpretar em 2 línguas (ou mais!) durante um dia inteiro - o que não é profissional, e não pode ser admitido de forma alguma.”

Este importante relato pessoal – feito via e-mail, que se revela uma verdadeira génese da profissão de intérprete em Portugal, acaba por abordar a grande maioria dos itens focados neste trabalho e realçados pelos participantes neste projeto, corroborando os argumentos apresentados.

Capítulo V – Conclusão

Inicialmente uma profissão atrativa, valorizada e compensadora social e economicamente, em muito impulsionada pela adesão de Portugal à UE, o que abriu o mercado nacional e internacional a profissionais de vários setores que dominassem uma ou mais línguas estrangeiras, até começarem a ser formados os primeiros intérpretes. Era um mercado em expansão, numa altura em que não havia concorrência.

Incontornável é o facto de que se tem verificado uma quebra no emprego de intérpretes devido a uma séria de razões já referidas ao longo deste trabalho e, muito bem resumidas por Franz Pöchhacker⁴⁷:

- a banalização da profissão, devido à internacionalização do inglês como língua franca, o que resultou na redução do número de reuniões internacionais com tradução;
- a desprofissionalização, ou seja, o exercício da profissão por não profissionais (como é o caso da Áustria), o que implica não só a ocupação de vagas disponíveis como resulta muitas vezes num mau serviço, colocando em causa os intérpretes profissionais e descredibilizando a profissão, afetando ainda mais o mercado de trabalho, o que também tem implicações a nível remuneratório;
- a desumanização da profissão, o trabalho de interpretação começa a ser cada vez mais feito por máquinas, se bem que ainda deixe muito a desejar no que à qualidade diz respeito, nomeadamente através de ferramentas como o *Skype Translator*, que está para a interpretação como o *Google Translator* para a tradução;
- a saturação do mercado, que tem dado sinais de estar lotado, de que é prova o pouco emprego disponível, mesmo ao nível das instituições da UE, até agora um dos maiores empregadores de intérpretes profissionais. O alargamento da UE e a crise económica mundial vieram agravar esta situação, sendo que atualmente são mais valorizadas as línguas designadas exóticas ou uma língua abrangente para fazer *retour*.



Franz Pöchhacker

(Fonte: <http://www.bing.com/images/>)

Esta saturação do mercado tem originado algumas mudanças: os estabelecimentos de ensino superior estão a reformular os cursos de interpretação, indo ao encontro do mercado de

⁴⁷ Pöchhacker, Franz. Professor Associado de Estudos de Interpretação no Centro para os Estudos de Tradução, da Universidade de Viena. Trabalhou como Intérprete de Conferência e Media desde os finais de 1980. Autor de vários artigos e livros é também co-editor do jornal de interpretação "Jornal Internacional de Pesquisa e Prática em Interpretação"

trabalho, tornando-os mais abrangentes e direcionando-os para a vertente privada, uma vez que as oportunidades na pública são cada vez mais escassas. Assim, a formação passa a ser dirigida para as empresas e os seus funcionários que dominam uma ou mais línguas estrangeiras e são muitas chamados a fazer o trabalho de interpretação e de tradução – daí que procurem aperfeiçoar os seus conhecimentos e técnicas através da formação. Deste modo, são também alargadas as opções de carreira a quem os frequenta.

Se é cada vez mais evidente a necessidade da transposição da Diretiva Europeia que cria a figura do intérprete ajuramentado (ansiada igualmente pelos tradutores), também o é a criação de uma ordem profissional que defenda e credibilize a profissão – sem incorrer nos vícios identificados por Randolpho Santos e Silva e já reiteradamente lembrados. Estas duas ações permitiram sanear os vícios entretanto instituídos assim como seriam o garante de uma formação adequada, condições de trabalho e qualidade do serviço.

Em suma, a profissão de Intérprete em Portugal encontra-se no que pode ser considerado um ponto de viragem, em que talvez se esteja na eminência de fazer a triagem entre os profissionais devidamente acreditados para a profissão e aqueles que a vão exercendo à margem da formação e da legalidade. Falta saber o desfecho: se a oportunidade vai ser aproveitada ou não.

A posição da AIIC é a de que a interpretação simultânea continuará a existir enquanto a vasta maioria dos cidadãos mundiais dominar apenas uma língua, e sempre que existir tecnologia para o efeito. Mas, ainda que as gerações futuras se tornem bilingues ou multilingues, como poderá acontecer, a interpretação continuará a ser uma profissão de pleno direito, distinta da tradução. Está em causa mais do que traduzir palavras, é preciso entrar na pele do orador, quer agrade ou não o conteúdo das suas palavras, cabendo ao intérprete captar as suas ideias, pensamentos, cultura, e retransmiti-los noutra língua. Razão pela qual a interpretação simultânea não seja propriamente ensinada, mas antes desenvolvida a partir de um qualquer mecanismo já existente no cérebro do potencial intérprete.⁴⁸

Por último, uma sugestão: Anabela Frade, Chefe da Unidade de Língua Portuguesa do Serviço de Interpretação da Comissão Europeia, no vídeo em que fala sobre os requisitos para se ser admitido como intérprete de língua portuguesa (http://ec.europa.eu/dgs/scic/become-an-interpreter/index_pt.htm) recomenda, para Portugal, a quem não possui ainda um diploma em Interpretação de Conferência a frequência da pós-graduação em Interpretação de Conferência da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a duração de um ano e que habilita os alunos interessados em seguir carreira na DG Interpretação a candidatarem-se aos testes para *freelance*, cujos exames de admissão decorrem todos os anos entre Setembro e Outubro – penso que seria de levar ao conhecimento desta responsável a qualidade da formação lecionada no ISCAP.

⁴⁸ Sheilah S. Cardno, Lisboa, Agosto 2006 - <http://www.aiicportugal.pt/portal/index.php/pt/artigos-de-interesse/13-interpretacao-simultanea-ou-de-conferencia>, acedido em Outubro.2015

Referências Bibliográficas

- AIIC (1982) "Practical guide for professional interpreters". Geneva: International Association of Conference Interpreters.
- Alves, Alberto: "Guias-Intérpretes – Memórias e Futuro", intervenção proferida no Congresso Nacional de G-I. e Correios de Turismo, Lisboa, 13/06/2004
- Angelelli, Claudia V. (2004) Revisiting the interpreter's role. A study of conference, court and medical interpreters in Canada, Mexico, and the United States. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Bühler, Hildegund (1986) "Linguistic (semantic) and extra-linguistic (pragmatic) criteria for the evaluation of conference interpretation and interpreters". *Multilingua*, 5 (4): 231-235.
- Carvalho-Oliveira, J.M.; Cymbron, J. (1994). *Ser Guia-Intérprete em Portugal*, Lisboa, Departamento de Turismo do Instituto Superior de Novas Profissões.
- Chiaro, Delia & Nocella, Giuseppe (2004) "Interpreters' perception of linguistic and non-linguistic factors affecting quality: A survey through the World Wide Web". *Meta*, 49 (2): 278-293
- Collados Aís, Ángela (1998/2002) "Quality assessment in simultaneous interpreting: The importance of nonverbal communication". In F. Pöchhacker & M. Shlesinger (eds.) *The Interpreting Studies Reader*. London/New York, Routledge, 327-336.
- *Dicionário da Língua Portuguesa* (2004). Dicionários Editora. Porto Editora
- Ferreira Anacleto-Matias, Tiago Nuno Martins (2008), *O Pluri-Multi-Linguismo no Contexto Atual Europeu – Os Serviços de Tradução e Interpretação da União Europeia*, S. Mamede Infesta, Dissertação de Mestrado em tradução e Interpretação Especializadas
- Gile, Daniel (2009). *Basic Concepts and Models for Interpreting and Translator Training*. Philadelphia, John Bejamins Translation Library.
- Herbert, Jean (1952) *The Interpreter's Handbook: How to Become a Conference Interpreter*. Geneva: Georg.
- Kahane, Eduardo (2000) *Thoughts on the quality of interpretation*. <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/page197>, acedido em Outubro.2015.
- Kurz, Ingrid (1993/2002) "Conference interpretation: Expectations of different user groups". In F. Pöchhacker & M. Shlesinger (eds.) *The Interpreting Studies Reader*. London/New York, Routledge, 313-324.

- L'interprétation de conférence au Portugal – souvenirs de Wadi Keiser – 1956 à 1980
- Moser, Peter (1996) "Expectations of users of conference interpretation". *Interpreting*, 1 (2. Philadelphia: John Benjamins,) 145-178.
- Neff, Jacquy (2006) A Statistical Portrait of AIIC: 2005-06. <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/article2127.htm>, acedido em Outubro.2015.
- Pagura, Reynaldo. (2008). Conference interpreting interfaces with written translation and implications for interpreter and translator training. *DELTA* [online]., vol. 19, 209-236. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102, acedido em Abril.2008.
- Pöchhacker, Franz (2013), "Interpreting quality. Global professional standards", in Ren W. (ed.), *Interpreting in the Age of Globalization: Proceedings of the 8th National Conference and International Forum on Interpreting*, Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 305-318.
- Recommandation sur la protection juridique des traducteurs et des traductions et sur les moyens pratiques d'améliorer la condition des traducteurs, aprovada na 19ª sessão da Conferência Geral da Unesco, reunida em Nairobi, de 22 a 30 de Novembro de 1976.
- Seleskovitch, Danica (1977) "Take care of the sense and the sounds will take care of themselves or why interpreting is not tantamount to translating languages". *The Incorporated Linguist*, 15: 7-33.
- Setton, Robin & Guo, Alice Liangliang (2009) "Attitudes to role, status and professional identity in interpreters and translators with Chinese in Shanghai and Taipei". *Translation and Interpreting Studies*, 4 (2): 210-238.
- Zwischenberger, Cornelia & Pöchhacker, Franz (2010) "Survey on quality and role: Conference interpreters' expectations and self-perceptions". *Communicate!* Spring 2010. <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/article2510.htm> (acedido a 23 de Outubro de 2015).
- Zwischenberger, Cornelia (2011) "Quality criteria in simultaneous interpreting: An international vs. a national view". *The Interpreters' Newsletter*, 15

Testemunhos Originais

- Montez, Maria Santa Carneiro Vieira – Intérprete de Conferência em Portugal desde 1979

Webgrafia

- A história da Interpretação, retirada do site da APIC – www.apic.org.pt, acedido em Abril.2008
- http://curia.europa.eu/jcms/jcms/Jo2_12357/, acedido em Outubro.2015
- http://ec.europa.eu/dgs/scic/become-an-interpreter/index_pt.htm acedido em Outubro.2015
- http://ec.europa.eu/dgs/scic/become-an-interpreter/index_pt.htm , acedido em Outubro.2015
- http://ec.europa.eu/dgs/scic/organisation-of-conferences/interpreting-booth-standards/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- http://ec.europa.eu/dgs/scic/what-is-conference-interpreting/language-regime/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- http://europa.eu/about-eu/eu-history/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- http://europa.eu/about-eu/facts-figures/administration/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- http://europa.eu/epso/discover/institutions/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- http://europa.eu/epso/discover/job_profiles/language/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- http://europa.eu/epso/discover/why_eu_career/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- http://europa.eu/interpretation/index_pt.htm, acedido em Outubro.2015
- <http://portal.ual.pt/portal/Main?Portal=119>, acedido em Setembro.2015
- <http://www.aiicportugal.pt/portal/index.php/pt/>, acedido em Outubro.2015
- <http://www.apic.org.pt>, acedido em Outubro.2015
- <http://www.aptrad.pt/>, acedido em Outubro.2015
- <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/interpreting-in-the-parliament.html>, acedido em Outubro.2015
- <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/interpreting-in-the-parliament.html>, acedido em Outubro.2015
- <http://www.europarl.europa.eu/interpretation/pt/study-and-traineeships.html>, acedido em Outubro.2015
- http://www.giic.net/interpretes2_en.htm, acedido em Setembro.2015
- <http://www.ipleiria.pt/cursos/course/licenciatura-em-traducao-e-interpretacao-portugueschines-chinesportugues/>, acedido em Setembro.2015
- <http://www.iscap.ipp.pt/site/php/mestrados.php?curs=6>, acedido em Setembro.2015
- <http://www.letras.ulisboa.pt/pt/cursos/mestrados-2-ciclo> e http://www.ipm.edu.mo/postgraduate/pt/lisboa_translation.php, acedido em Setembro.2015

- <http://www.snatti.com>, acedido em Outubro.2015
- [https:// www.limesurvey.org/en/](https://www.limesurvey.org/en/), acedido em 2008
- Universidade Autónoma de Lisboa – Setembro.2015
- www.eurocid.pt, acedido em Outubro.2015